



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE BELAS ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

JADILSON PIMENTEL DOS SANTOS

**A ARTE E A ARQUITETURA RELIGIOSA POPULAR DO ANTÔNIO
VICENTE MENDES MACIEL, O BOM JESUS CONSELHEIRO**

SALVADOR

2011

JADILSON PIMENTEL DOS SANTOS

**A ARTE E A ARQUITETURA RELIGIOSA POPULAR DO ANTÔNIO
VICENTE MENDES MACIEL, O BOM JESUS CONSELHEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes-Visuais, Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais.

Linha de pesquisa: Estudos Teóricos das Artes Visuais no Nordeste

Orientador: Eugênio de Ávila Lins

SALVADOR

2011

S237a Santos, Jadilson Pimentel dos

A arte e a arquitetura religiosa popular do Antônio Vicente
Mendes Maciel, o Bom Jesus Conselheiro/ Jadilson Pimentel dos
Santos. - 2011.

262f.: il., 30 cm.

Orientador: Eugênio de Ávila Lins.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia,
Escola de Belas Artes, 2011.

1.Arquitetura de igrejas – Bahia. 2. Conselheiro, Antonio,
1828-1897. 3. Canudos(BA) – História – Século XIX. I.
Universidade Federal da Bahia, Escola de Belas Artes. II.
Eugênio de Ávila Lins. III. Título.

CDD - 726.5098142
CDD - 726

Ficha elaborada pela bibliotecária Ivone Gonçalves da Silva CRB-5/1610

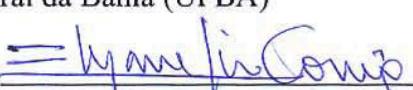
TERMO DE APROVAÇÃO

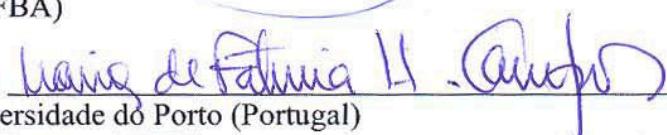
JADILSON PIMENTEL DOS SANTOS

A ARTE E A ARQUITETURA RELIGIOSA POPULAR DO ANTÔNIO VICENTE MENDES MACIEL, O BOM JESUS CONSELHEIRO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia - UFBA, pela seguinte banca examinadora:

Eugenio de Ávila Lins - Orientador 
Doutor em História da Arte, Universidade do Porto (Portugal)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Eliane Lins Correa 
Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Politécnica da Catalunha (Espanha)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Maria de Fátima Hanaque Campos 
Doutora em História da Arte, Universidade do Porto (Portugal)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Salvador, 30 de maio de 2011

À “família Ferreira e à família Pimentel”, detentoras de um vasto legado da história oral e saberes populares. À minha avó dona Laura, minha mãe Janice, minha queridíssima irmã Elce e todos os irmãos, amores e amigos de estrada.

A todos os brasileiros que; antes, durante e depois do evento Canudos lutaram contra o famigerado crime e que, por conta disso, sofreram perseguições, tortura ou qualquer tipo de violência. Saibam que não foi em vão.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é tão sublime, é tão terno. Agradeço ao sertão com sua poesia, à lua encantada que todos os dias vem me beijar, ao vento bulícioso que, às vezes, traquina, sopra as folhas do meu texto.

Aos companheiros das estradas do sertão pelas caminhadas tantas e errâncias infindas. À natureza indômita e destemida que é a caatinga, meu baú de prosa, poesia e inspiração. À amiga Jeanne, amante da música que no final da década de noventa me apresentou Canudos, Monte Santo, Quijingue, Macururé e esse legado de belezas inesgotáveis.

Agradeço ao Sol, infinito e primeiro, dono de tudo isso e rei de todos nós. Agradeço à sinfonia, murmúrio e toada, que todos os dias ouço sair da boca encantada de minha avó. A ela, agradeço todo o legado poético que aprendi.

Agradeço a fascinante família que tenho, às crianças todas lá de casa, que por sinal não são poucas; aos amigos e a todos que contribuíram para mais essa realização.

Ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia e a FAPESB que apoiaram e financiaram esta pesquisa. Ao Prof. Dr. Eugênio de Ávila Lins pela orientação desta dissertação, pelas sugestões e por ter acreditado e defendido a relevância do trabalho.

Aos professores Maria Hermínia, Viga Gordilho, Luiz Freire, Ricardo Biriba, Olivieri, Eliane Lins e Rosa Gabriela, pelas variadas contribuições, pela flexibilidade e leveza durante o curso, bem como pelos comentários sobre o Projeto de Pesquisa.

Às professoras doutoras Elyane Lins e Fátima Hanaque pelas sugestões preciosas dadas durante o exame de qualificação, à Maria Taciana de Almeida, secretária do Programa, por sua eficiência e seu bom humor no trato com os alunos.

A todos os colegas do mestrado por terem-no transformado em uma experiência extremamente prazerosa. Ao amigo Paulo Roberto por ter me acompanhado durante as primeiras expedições às cidades de Chorochó e Crisópolis, bem como em seus desdobramentos quando em viagens para apresentações no Rio de Janeiro. À Neuza Menezes, Marcos Henrique, Francisco Afonso de Menezes e o padre José Ramalho, moradores da cidade de Corrochó, pelas informações concedidas, e que por sinal foram de

muita valia. A Everton Silva, pelos desenhos e contribuições várias, Geovanda, pelo abstract e à colega de trabalho, Ivone Gonçalves, pela ficha catalográfica.

À minha família, sempre presente nas minhas incursões pelos sertões, pois em quase todas as viagens lá estavam: meu irmão Adriano, minha irmã Adriana e minha mãe Janice. Agradeço também a minha irmã Elce e ao seu marido Jucelino pelo apoio, sem medida, dado a mais essa etapa, pois sem eles seria impossível essa caminhada. Aos vereadores de Tucano Antônio José de Andrade (Tonhé) e Hélcio da Pequena pela boa vontade e sensibilidade em nos transportar pelos rincões mais longínquos dos sertões, como pelas aprendizagens efetivadas ao longo dessas viagens. Aos amigos acompanhantes de estrada: Jarlene, Janaina, Paula, Cristina, Nainho, Quele e Vinícius. Aos amigos do IFBA e todos os demais que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para a efetivação desse pesquisa.

À memória do povo sertanejo e do Bom Jesus Conselheiro, homem sábio que soube com sensibilidade e persistência fundar um mundo de belezas; não só contado em suas profecias, como também em sua poética literária, nas suas devoções e em sua poesia de arquitetura talhada em pedra, madeira e cal.

Canudos é a renascença, é um raio de sol que, através da chuva miúda e aborrecida, vem dourar-nos a janela da alma. (...) aí tendes matéria nova e fecunda.

(Assis, apud DIAS, 1996).

RESUMO

Antônio Vicente Mendes Maciel antes de se estabelecer na Bahia, conta a tradição oral, tinha uma promessa a cumprir; erguer vinte e cinco igrejas em terras distantes do seu torrão natal – o Ceará. As informações acerca de Antônio Conselheiro que passaram para a história foram as dos últimos quatro anos enquanto líder fundador da comunidade do Belo Monte e provocador do conflito fratricida que exterminou toda nação belomontense: a Guerra de Canudos. Entretanto, pouco se sabe e se divulgou sobre a vida pregressa do beato no período que vai de 1874 até a fundação do arraial canudense, período de maior atuação como construtor e restaurador de obras pias. Também, quase nada se discutiu sobre os seus seguidores, suas produções culturais tais como: crenças e devoções religiosas, festas, artes plásticas, arquitetura, dentre outras. Sobre o Antônio Vicente Mendes Maciel construtor e restaurador, nos sertões da Bahia, praticamente nada se pesquisou, o que veio a contribuir para o esquecimento e aniquilamento de formidáveis exemplares de sua lavra. Sendo assim, o presente trabalho, através de pesquisas realizadas em campo, buscou por intermédio de fontes orais e consultas em documentos tais como: cartas, jornais, fotografias, bem como nas obras de cronistas, jornalistas, poetas, etc., reconstituir e rememorar a partir de imagens oitocentistas exemplares já destruídos, bem como divulgar as obras de arquitetura religiosa presididas por Antônio Conselheiro e sua gente que ainda se encontram intactas, porém mergulhadas no esquecimento. Por outro lado, buscou-se, também, revelar algumas construções que ganharam mais visibilidade a partir dessa pesquisa, pois, antes, foram sequer apontadas como pertencentes ao “Povo da Companhia” (povo conselheirista). A obra artística: material e imaterial consolidada pelo beato Antônio Conselheiro e seu séquito constitui-se em uma grande fonte histórica do episódio extremamente tenso ocorrido no sertão da Bahia, e num riquíssimo material para os variados diálogos com o passado. Nesse sentido, evidenciar um Antônio Conselheiro, arquiteto popular, decorador, restaurador, fundador de cidades, enquanto sujeito de seu tempo, dos desejos de sua época, das aspirações de sua geração e sentimentos religiosos, nos obrigará a ver, também, os seus adeptos, não como jagunços e fanáticos, mas como agentes construtores de valores sociais e estéticos, bem como produtores de histórias e memórias.

PALAVRAS-CHAVE: ARQUITETURA RELIGIOSA. ARTE POPULAR. ANTÔNIO CONSELHEIRO. CANUDOS.

ABSTRACT

Antônio Vicente Mendes Maciel, before settling in Bahia, as oral tradition has it, had a promise to keep; to build twenty-five churches in lands far from his own – Ceará. The information about Antônio Conselheiro that became history consists of the last four years as founding leader of the Belo Monte community and provoker of the fratricide conflict that exterminated the entire Belo Monte nation: the Canudos War. However, little is known and was revealed about the devotee's previous life during the period that goes from 1874 until the foundation of the canudian village, the moment in which he most operated as a builder and restorer of pious works. Also, almost nothing was said of his followers, his cultural productions such as: religious creeds and devotions, feasts, arts, architecture, and more. About Antônio Vicente Mendes Maciel as a construction worker and restorer, in the arid regions of Bahia, practically nothing has been researched, which has contributed to oblivion and annihilation of formidable copies of his works. So, this current work, through field research, aimed, through oral sources and consulting documents such as: letters, newspapers, photographs, as well as the works of chroniclers, journalists, poets, etc., to reconstruct and bring back to memory from nineteenth century images, already destroyed copies, as well as revealing the works of religious architecture presided by Antônio Conselheiro and his people which are still intact, but immersed in oblivion. On the other hand, we sought, too, to reveal some constructions which earned more visibility from this research, because, before this, they were not even said to have belonged to the Company (Conselheiro's people). The work of art, material and immaterial consolidated by the devotee Antonio Conselheiro and his retinue consists of a great historical source of the extremely tense episode which occurred in the backwoods of Bahia, and of extremely rich material for the most varied dialogues with the past. Accordingly, to expose Antônio Conselheiro, popular architect, decorator, restorer, city founder, as a subject of his time, of the wishes of his time, of the aspirations of his generation and religious sentiments, makes us see, also, his supporters, not as gansters and fanatics, but as construction agents of social and aesthetic values, as well as producers of stories and memories.

KEY WORDS: RELIGIOUS ARCHITECTURE. POPULAR ART. ANTONIO CONSELHEIRO. CANUDOS.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	13
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	19
INTRODUÇÃO.....	20
CAPÍTULO I - UMA INCURSAO PELA VIDA E PELA OBRA DO PROFETA ANTÔNIO DOS MARES, SANTO ANTÔNIO APARECIDO OU BOM JESUS CONSELHEIRO.....	26
1.1 ANTÔNIO VICENTE MENDES MACIEL – AS PRIMEIRAS VIVÊNCIAS NO QUIXERAMOBIM E NAS TERRAS DO CEARÁ	27
1.2 SANTO ANTÔNIO APARECIDO, ANTÔNIO DOS MARES, IRMÃO ANTÔNIO OU ANTÔNIO CONSELHEIRO, O BEATO PEREGRINO.....	42
1.3 BOM JESUS CONSELHEIRO – O LÍDER ARTICULADOR DE CANUDOS.....	54
CAPÍTULO II – ANTÔNIO CONSELHEIRO FUNDADOR DO ARRAIAL DO BELO MONTE	59
2.1 O ARRAIAL DO BELO MONTE – CANUDOS.....	60
2.2 IGREJAS DO BELO MONTE.....	69
2.3 IGREJA DE SANTO ANTÔNIO, A VELHA.....	71
2.4 O CRUZEIRO DA IGREJA DE SANTO ANTÔNIO.....	79
2.5 IGREJA DO BOM JESUS, A NOVA.....	83
CAPÍTULO III – ANTÔNIO CONSELHEIRO FUNDADOR DO ARRAIAL DO BOM JESUS - CRISÓPOLIS.....	94
3.1 O ARRAIAL DO BOM JESUS – CRISÓPOLIS.....	95
3.2 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ARTÍSTICO NO BRASIL E NO SERTÃO E A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DO BOM JESUS.....	99
3.3 A IGREJA DO BOM JESUS E O SEU PARTIDO ORNAMENTAL.....	108
3.4 O CRUZEIRO DO BOM JESUS.....	140
CAPÍTULO IV – ANTÔNIO CONSELHEIRO CONSTRUTOR DO CONJUNTO ARQUITETÔNICO DE CHORROCHÓ - BA.....	142
4.1 CHORROCHÓ E SUA EXPRESSÃO POPULAR.....	143
4.2 A IGREJA E O CRUZEIRO DO SENHOR DO BONFIM DE CHORROCHÓ.....	152
4.3 O CEMITÉRIO DO SENHOR DO BONFIM DE CHORROCHÓ.....	167
CAPÍTULO V – A PRESENÇA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO NO SANTUÁRIO DA SANTA CRUZ DO MONTE SANTO.....	171
5.1 O MONTE SANTO E SEU SANTUÁRIO.....	172

5.2 ANTÔNIO CONSELHEIRO CONSTRUTOR E RESTAURADOR DO SANTUÁRIO DO MONTE SANTO.....	185
CAPÍTULO VI – ANTÔNIO CONSELHEIRO CONSTRUTOR E RESTAURADOR DE CAPELAS IGREJAS E CEMTÉRIOS.....	192
6.1 RAINHA DOS ANJOS.....	193
6.2 CURRALINHO, POÇO REDONDO – SE.....	201
6.3 ITAPICURU.....	205
6.4 RIBEIRA DO AMPARO.....	211
6.5 OLINDINA (MUCAMBO).....	216
6.6 APORÁ.....	219
6.7 EUCLIDES DA CUNHA (CUMBE).....	225
6.8 NOVA SOURE (NATUBA).....	228
6.9 BIRITINGA.....	232
6.10 ESPLANADA.....	235
6.11 ENTRE RIOS.....	240
6.12 CÍCERO DANTAS (BOM CONSELHO).....	242
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	246
REFERÊNCIAS.....	250
ANEXOS.....	258

LISTA DE FIGURAS

Imagen 1 – Mapa do Ceará do século XVIII.....	29
Imagen 2 – Localização do município de Quixeramobim – CE.....	30
Imagen 3 – Igreja matriz de Santo Antônio de Quixeramobim, Século XVIII.....	34
Imagen 4 – Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, Século XVIII.....	36
Imagen 5 – Igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário, Século XVIII.....	37
Imagen 6 – Igreja matriz de Nossa Senhora da Expectação, Século XVIII.....	38
Imagen 7 – Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, 1871.....	40
Imagen 8 – Periódico <i>O Rabudo</i> , 1874.....	42
Imagen 9 – Flagelados, J. A. Corrêa, 1877.....	45
Imagen 10 – Mapa da Bahia onde Conselheiro erigiu obras.....	47
Imagen 11 – Mapa de Sergipe onde Conselheiro erigiu obras.....	48
Imagen 12 – Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Jesus Cristo, 1895.....	49
Imagen 13 – Folha de rosto da Missão Abreviada, século XIX, Portugal.....	51
Imagen 14 – Periódico <i>A Gazetinha</i> , 1897.....	53
Imagen 15 – Charge de Antônio Conselheiro pintando o diabo, 1897.....	54
Imagen 16 – Charge de Antônio Conselheiro combatendo a República, 1897.....	54
Imagen 17 – Cadáver de Antônio Conselheiro, Flávio de Barros, 1897.....	58
Imagen 18 – Conselheiro, o Bom Jesus, 1997.....	59
Imagen 19 – Reprodução do desenho do Arraial de Canudos, 1897.....	62
Imagen 20 – Incêndio em Canudos, 1897.....	63
Imagen 21 – Planta do arraial de Canudos, 1897.....	64
Imagen 22 – Croqui esboçado por Euclides da Cunha, à vista de Canudos, 1897.....	65
Imagen 23 – Vista de Canudos feita pelo acadêmico Martins Hórcades, 1897.....	66
Imagen 24 – Cadáver nas ruínas de Belo Monte, Flávio de Barros, 1897.....	68
Imagen 25 – As duas igrejas do Arraial do Belo Monte, 1997.....	70
Imagen 26 – As duas igrejas do Arraial do Belo Monte, 1997.....	70
Imagen 27 – Reconstituição da Igreja de Santo Antônio a partir de Fávio de Barros.....	71
Imagen 28 – Vista lateral da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte, 1897.....	71
Imagen 29 – Fachadas da Igreja de Santo Antônio, 1897.....	72

Imagen 30 – Carta de Antônio Conselheiro a Paulo José da Hora, 1893.....	74
Imagen 31 – Reconstituição da planta baixa da Igreja de Santo Antônio.....	77
Imagen 32 – Reconstituição do cruzeiro da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte.....	81
Imagen 33 – Cruzeiro da Igreja de Santo Antônio do Belo Monte, 1897.....	82
Imagen 34 – Desenho da Igreja do Bom Jesus, 2010.....	83
Imagen 35 – Fachada da Igreja do Bom Jesus do Belo Monte, 1897.....	86
Imagen 36 – Reconstituição da planta baixa da Igreja do Bom Jesus do Belo Monte.....	89
Imagen 37 – Igreja do Bom Jesus reconstituída no filme Guerra de Canudos, 1997.....	90
Imagen 38 – Igreja do Bom Jesus ou Igreja Nova reconstituída.....	91
Imagen 39 – Igreja de Nossa Senhora do Bom Conselho, século XVIII.....	92
Imagen 40 – Igreja de São João, século XVIII.....	92
Imagen 41 – Belo Monte destruída, 1993.....	93
Imagen 42 – Antônio Conselheiro e as beatas, 1983.....	94
Imagen 43 – Localização do município de Crisópolis – BA.....	96
Imagen 44 – Cartela datada da fachada da Igreja do Bom Jesus, século XIX.....	107
Imagen 45 – Desenho do templo do Bom Jesus de Crisópolis, 1987.....	108
Imagen 46 – Templo do Bom Jesus de Crisópolis, século XIX.....	109
Imagen 47 – Templo do Bom Jesus de Crisópolis.....	109
Imagen 48 – Conjunto arquitetônico do Bom Jesus de Crisópolis.....	110
Imagen 49 – Conjunto do Bom Jesus de Crisópolis – Praça Antônio Conselheiro.....	110
Imagen 50 – Coroamento do frontispício da Igreja do Bom Jesus.....	111
Imagen 51 – Detalhe do coroamento do frontispício da Igreja do Bom Jesus.....	111
Imagen 52 – Frontispício da Igreja de Sto. Antônio de Itabaiana-SE.....	115
Imagen 53 – Retábulo-mor da Igreja de Sto. Antônio de Itabaiana, século XIX.....	116
Imagen 54 – Igreja do Divino Espírito Santo de Inhambupe – BA.....	117
Imagen 55 – Altares mor e colaterais da Igreja do Divino Espírito Santo.....	118
Imagen 56 – Porta entalhada em madeira com flores em alto relevo.....	121
Imagen 57 – Porta entalhada em madeira com flores em alto relevo (Detalhe).....	122
Imagen 58 – Porta entalhada em madeira com flores em alto relevo (Detalhe).....	122
Imagen 59 – Esquema do Retábulo-mor da Igreja de Nossa Senhor do Bonfim.....	125
Imagen 60 – Retábulo-mor e colaterais da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré.....	126

Imagen 61 – Coroamento do retábulo da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré.....	126
Imagen 62 – Retábulo-mor e colaterais da Igreja do Bom Jesus.....	128
Imagen 63 – Coroamento do retábulo-mor da Igreja do Bom Jesus.....	128
Imagen 64 – Retábulo-mor da Igreja do Bom Jesus.....	129
Imagen 65 – Mesa do altar-mor da Igreja do Bom Jesus.....	130
Imagen 66 – Florão frontal da mesa do altar-mor da Igreja do Bom Jesus.....	131
Imagen 67 – Florão lateral da mesa do altar-mor da Igreja do Bom Jesus.....	131
Imagen 68 – Base das colunas do retábulo-mor da Igreja do Bom Jesus.....	133
Imagen 69 – Trono eucarístico do retábulo-mor da Igreja do Bom Jesus.....	134
Imagen 70 – Sacrário da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.....	135
Imagen 71 – Altar colateral direito da Igreja do Bom Jesus.....	136
Imagen 72 – Altar colateral esquerdo da Igreja do Bom Jesus.....	137
Imagen 73 – Forro salpicado de estrelas da Igreja do Bom Jesus.....	138
Imagen 74 – Medalhão do arco-cruzeiro da Igreja do Bom Jesus.....	139
Imagen 75 – Vista frontal do cruzeiro do Templo do Bom Jesus.....	140
Imagen 76 – Planta baixa do cruzeiro do Templo do Bom Jesus.....	140
Imagen 77 – O cruzeiro e o Templo do Bom Jesus de Crisópolis.....	141
Imagen 78 – Cruzeiro da Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	142
Imagen 79 – Localização do município de Chorrochó.....	143
Imagen 80 – Cruzeiro de missões – Chorrochó.....	147
Imagen 81 – Missa em homenagem ao padroeiro Senhor do Bonfim.....	149
Imagen 82 – Missa em homenagem ao padroeiro Senhor do Bonfim.....	149
Imagen 83 – Missa em homenagem ao padroeiro Senhor do Bonfim.....	151
Imagen 84 – Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	152
Imagen 85 – Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	152
Imagen 86 – Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	153
Imagen 87 – Vista lateral direita da torre sineira da Igreja do Senhor do Bonfim.....	154
Imagen 88 – Frontão da igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	155
Imagen 89 – Frontão da igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	156
Imagen 90 – Planta baixa da Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	156
Imagen 91 – Cruzeiro do adro da igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	158

Imagen 92 – Planta baixa do cruzeiro da Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	158
Imagen 93 – Interior Igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	159
Imagen 94 – Inscrição em homenagem ao centenário da igreja Senhor do Bonfim.....	160
Imagen 95 – Imagem do Senhor do Bonfim, padroeiro de Chorrochó.....	161
Imagen 96 – Oratório do altar-mor da igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	162
Imagen 97 – Oratório da igreja de Santa Tereza e de Nossa Senhora da Conceição.....	162
Imagen 98 – Mesa do altar-mor da igreja do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	163
Imagen 99 – Oratório e sacrário do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	164
Imagen 100 – Túmulo de pagão na beira da estrada do cemitério de Chorrochó.....	165
Imagen 101 – Imagem de Nossa Senhora das Graças, Chorrochó.....	166
Imagen 102 – Cemitério do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	167
Imagen 103 – Cemitério do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	167
Imagen 104 – Cemitério do Senhor do Bonfim de Chorrochó.....	170
Imagen 105 – Escultura em madeira de Antônio Conselheiro, Monte Santo.....	172
Imagen 106 – Localização do município de Monte Santo.....	174
Imagen 107 – Ex-votos da Capela da Santa Cruz do Monte Santo.....	175
Imagen 108 – Ex-votos da Capela da Santa Cruz do Monte Santo.....	176
Imagen 109 – Nossa Senhora da Soledade e Nosso Senhor dos Passos.....	177
Imagen 110 – Santuário da Santa Cruz do Monte Santo.....	180
Imagen 111 – Painel com pintura religiosa do Santuário do Monte Santo.....	181
Imagen 112 – Altar-mor da Capela da Santa Cruz do Monte Santo.....	182
Ilustração 113 – Capela da Santa Cruz do Monte Santo, BA.....	183
Imagen 114 – Vista posterior da Capela da Santa Cruz do Monte Santo.....	184
Imagen 115 – Divisão Canet e a antiga Igreja Matriz do Monte Santo.....	185
Imagen 116 – Muro de arrimo da subida do Santuário da Santa Cruz.....	186
Imagen 117 – Frontaria da capela-mor dedica a Nossa Senhora da Soledade.....	187
Imagen 118 – Altar da capela dedicada a Nossa Senhora da Soledade.....	187
Imagen 119 – Pintura a óleo da Igreja de Nossa Senhora de Belém de Biritinga.....	192
Imagen 120 – Capela da Rainha dos Anjos, Itapicuru.....	193
Imagen 121 – Capela da Rainha dos Anjos, Itapicuru.....	193
Imagen 122 – Altar-mor da capela da Rainha dos Anjos, Itapicuru.....	197

Imagen 123 – São João Batista da capela da Rainha dos Anjos.....	198
Imagen 124 – Anjo do coroamento do altar-mor da capela da Rainha dos Anjos.....	199
Imagen 125 – Nossa Senhora Rainha dos Anjos, Itapicuru.....	200
Imagen 126 – Capela de Nossa Senhora da Conceição, Curralinho.....	201
Imagen 127 – Capela de Nossa Senhora da Conceição, Curralinho.....	201
Imagen 128 – Capela de Santo Antônio, Curralinho.....	202
Imagen 129 – Capela de Nossa Senhora da Conceição, Curralinho.....	203
Imagen 130 – Capela de Nossa Senhora da Conceição, Curralinho (detalhe).....	204
Imagen 131 – Cemitério do Itapicuru.....	207
Imagen 132 – Cemitério do Itapicuru.....	208
Imagen 133 – Cemitério do Itapicuru.....	208
Imagen 134 – Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, Itapicuru.....	210
Imagen 135 – Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, Itapicuru.....	210
Imagen 136 – Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Ribeira do Amparo.....	213
Imagen 137 – Capela e cruzeiro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	214
Imagen 138 – Cemitério de Ribeira do Amparo.....	215
Imagen 139 – Cemitério de Ribeira do Amparo.....	215
Imagen 140 – Igreja de São João Batista, Olindina.....	216
Imagen 141 – Igreja Nova de Olindina.....	217
Imagen 142 – Igreja de São João Batista de Olindina.....	218
Imagen 143 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá.....	220
Imagen 144 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá.....	221
Imagen 145 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá.....	222
Imagen 146 – Detalhe do frontão da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá.....	222
Imagen 147 – Altares laterais da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Aporá.....	223
Imagen 148 – Imagem do Bom Jesus da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.....	224
Imagen 149 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Euclides da Cunha.....	227
Imagen 150 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Euclides da Cunha.....	227
Imagen 151 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Nova Soure.....	230
Imagen 152 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Nova Soure.....	230
Imagen 153 – Porta da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Nova Soure.....	231

Imagen 154 – Igreja de Nossa Senhora de Belém, Biritinga.....	232
Imagen 155 – Igreja de Nossa Senhora de Belém, Biritinga.....	234
Imagen 156 – Igreja dos Santos Reis, Esplanada.....	235
Imagen 157 – Igreja dos Santos Reis, Esplanada.....	235
Imagen 158 – Igreja de Gesú de Giocomo della Porta.....	237
Imagen 159 – Detalhe da Fachada da Igreja dos Santos Reis, Timbó, Esplanada.....	238
Imagen 160 – Detalhe da Fachada da Igreja dos Santos Reis, Timbó, Esplanada.....	238
Imagen 161 – Cemitério do Timbó, Esplanada.....	239
Imagen 162 – Cemitério de Entre Rios.....	241
Imagen 163 – Cemitério de Entre Rios.....	241
Imagen 164 – Capela do Cemitério da Santa Cruz, Cícero Dantas.....	242
Imagen 165 – Capela do Cemitério da Santa Cruz, Cícero Dantas.....	242
Imagen 166 – Igreja e Capela do Cemitério da Santa Cruz, Cícero Dantas.....	244
Imagen 167 – Interior da Capela do Cemitério da Santa Cruz, Cícero Dantas.....	245
Imagen 168 – Desenho de Interpretação da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.....	258
Imagen 169 – Fachada lateral direita da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.....	259
Imagen 170 – Fachada lateral esquerda da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.....	259
Imagen 171 – Planta de Situação da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.....	260
Imagen 172 – Planta Baixa da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.....	260
Imagen 173 – Planta Baixa do Coro da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.....	261
Imagen 174 – Corte 2-2 da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.....	261
Imagen 175 – Corte 1-1da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.....	262
Imagen 176 – Fachada Posterior da Igreja do Bom Jesus de Crisópolis.....	262

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EBA – Escola de Belas Artes

FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

INTRODUÇÃO

A obra deixada pelo beato Antônio Vicente Mendes Maciel nos leva a pensar como podemos instaurar um debate que permita a possibilidade de uma sociedade mais igualitária e multicultural. A sobrevivência e o interesse que o tema desperta mostram o dinamismo que contém a história desses grupos capazes de mobilizar a opinião de muita gente, desafiando o tempo.

Revisitar e reviver toda a sua produção corresponde a mapear a intolerância na qual se fundou o Estado republicano e outros tantos Estados do Ocidente. Pensar o Belo Monte e tantas outras cidades, à luz do Ocidente em crise com os seus antigos modelos econômicos, políticos e sociais, corresponde a buscar uma explicação para um dos temas mais controvertidos do século XXI.

Uma vez que os modelos da sociedade não respondem às necessidades do homem contemporâneo, parte-se em busca de uma nova solução. Como não se encontra um modelo pronto à frente, olhamos para trás e procuramos resgatar os valores tradicionais. Se a sociedade moderna deixou o homem totalmente só para responder a todos os desafios cotidianos, se em nome de uma cidadania abstrata jamais teve condições de defender seus interesses, a busca de solução para os impasses contemporâneos tenderá a caminhar em sentido inverso àquele sugerido pelo discurso da formação do Estado Moderno.

Refletir sobre toda essa produção significa colocar em questão nossos valores, as formas de organização política e a nossa precária capacidade de mudar a sociedade olhando para dentro. A história do Conselheiro e sua gente nos auxilia a pensar uma das questões mais candentes da história contemporânea: as minorias nacionais e os seus direitos de autodeterminação frente ao Estado.

Discutir sobre esse tema é um grande desafio para a construção de novas possibilidades de ressignificação das memórias. Resgatar, compor essa memória à luz das transformações do mundo contemporâneo, da crise do Estado Moderno e do ressurgimento de inúmeros movimentos fundamentalistas não se trata de reescrever a história na perspectiva dos vencidos. Necessita-se resgatar os seus valores integrando-se com a sua dignidade.

Por outro lado, a imagem que ainda se faz das terras do sertão é a do anacronismo, do desconhecido, do senso comum. Embora as pesquisas mais recentes da historiografia apontem para a memória das massas camponesas, das minorias e dos oprimidos; muito ainda se tem a contemplar.

As reverberações dos movimentos religiosos do oitocentos, e das primeiras décadas do novecentos, se propagaram até a atualidade de forma distorcida. Esse mal-estar que se acentuou a partir da formação da República, no Brasil, teve como ápice a fundação da comunidade do Belo Monte (arraial de Canudos) pelo líder Antônio Conselheiro e seu extermínio pelas forças da nascente República.

As impressões nebulosas que por décadas se afirmaram acerca do beato Antônio Vicente e seu arraial, deve-se, em muito, às ideias míopes proclamadas pelo pensamento positivista do século XIX. Nessa corrente, assentaram-se personagens como Nina Rodrigues, que através de suas *Coletividades anormais*, tentou examinar a loucura como sendo um fator de degeneração das raças. Rui Barbosa (apud OTTEN, 1990, p.26), a quem Conselheiro chamou de “homem das trevas” assevera que os sertanejos são como um bando de “mentecaptos” e “galés”, uma horda de fanáticos, uma vergonha da civilização, guerrilheiros que devem ser combatidos e extintos.

Já Euclides da Cunha, através de sua obra-mor, *Os Sertões*, a qual Calasans alcunhou de “gaiola de ouro de Canudos”, embora apresente um valor incalculável para a cultura brasileira, ainda assim, apresenta, segundo Facó (1991), um pensamento eivado de profundos preconceitos e falsas concepções estreitamente antropológicas e geográficas.

O imaginário que daí se formou, foi propiciando danos irreparáveis para os estudos das massas campesinas, sobretudo aquelas circunscritas no grande *Sertão do Conselheiro*.

Os termos, por vezes empregados, tais como: jagunços, fanáticos, misticismo, etc., e que hoje passam por reformulações, foram, outrora, somados a outros ainda mais depreciativos, os quais formularam uma simbologia do homem rude, sem instrução, representante de um Brasil atrasado em relação ao litoral.

Esse cenário começou a mudar de figura somente a partir da segunda metade do século XX, com as pesquisas encetadas por estudiosos do porte de José Calasans, Odorico Tavares, Nertan Macedo, dentre outros, que começaram a dar vez às vozes silenciadas e oprimidas do povo sertanejo, especialmente os descendentes de Canudos.

Entretanto, obstáculos ainda se impõem no concernente aos estudos da Guerra de Canudos, seu povo, sua cultura e sua arte. E é tanto, que o tema escolhido para essa dissertação emergiu devido à necessidade de se tratar de forma mais completa um dos aspectos relegados ao esquecimento: a produção da cultura material e imaterial encabeçada por Antônio Vicente Mendes Maciel e sua gente.

Até parece que já se disse tudo sobre Antônio Conselheiro, o Belo Monte, a Guerra de Canudos, etc. Contudo, sobre os aspectos artísticos enquanto propagadores e multiplicadores da memória, praticamente nada se disse.

Nesse sentido, é de grande valia informar que essas produções merecem um olhar mais direcionado; clamam uma tomada de consciência urgente, pois muitas delas padecem silenciosamente pelas paragens mais longínquas dos sertões.

A História da Arte ainda tem privilegiado as produções dos ricos países da Europa e dos Estados do Brasil litorâneo enriquecidos pelo comércio do açúcar e do ouro como: Salvador, Recife, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Fascinada pelo luxo e exuberância grandiosa do barroco, e do opulento neoclássico, nem seque ousa imaginar que nos rincões mais distantes do Brasil do interior, também existem belezas; um reino de encantamentos e cantorias da religiosidade popular, que desafiando o tempo cronológico, insiste em não desaparecer. Igrejas que outrora tratadas com desdém pela sociedade republicana, mas que figuravam como belíssimas catedrais para o povo sertanejo, passam agora a se configurar como exemplares fascinantes, repletos de originalidade e identidades próprias.

Muito já se pesquisou e, provavelmente, muito ainda se há para pesquisar sobre a figura de Antônio Conselheiro e a guerra que movimentou a nação em 1896-1897. No entanto, pouco se sabe sobre seus seguidores: quem eram, como viviam e de que maneira o cotidiano no arraial de Canudos se diferenciava, ou não, das outras comunidades da região. Existem informações sobre os mais famosos seguidores de Antônio Conselheiro e moradores de Belo Monte; sabe-se também das questões políticas que envolveram no que concerne ao arraial e à guerra, os grandes fazendeiros da região e as figuras de maior projeção política na Bahia de então; mas sobre a produção artística daqueles personagens mudos, tão vivamente retratados por Flávio de Barros, pouco se conhece ainda hoje.

A população que migrou para Canudos, de sua vida antes do estabelecimento do arraial, da vida de seus pais, avós e bisavós, ou melhor, das relações sociais entre os vários grupos que habitavam as regiões de onde emigraram pouco se sabe.

A recuperação da vida cultural pregressa dos canudenses e seus ascendentes, originários de diversas regiões do Nordeste, é, sem dúvida, tarefa que ainda há de ser encampada por estudiosos em geral, lançando luzes não só na situação específica dos moradores do arraial do Belo Monte, mas também de uma vasta população desses sertões do Brasil; pois para compreender os processos culturais e artísticos daquele povo é condição *sine qua non* o entendimento sobre o contexto da segunda metade do século dezenove nos sertões, dos movimentos religiosos, e, sobretudo, acerca do beato e do seu séquito.

Os beatos peregrinos têm algo de profético. São desses de visão que superam o mero misticismo. O santo Conselheiro não se detinha a esse mundo sobrepujado de devaneios e ilusões. Sonhava com um reino edificado no presente; mundo por ele arquitetado para oferecer aos seus seguidores possibilidades de dias melhores; e foi, por conseguinte, através do trabalho desenvolvido em conjunto – em mutirão – que viabilizou os seus sonhos mais sublimes: a edificação de igrejas, capelas, cruzeiros e cemitérios.

Soube, através de suas ações, fundar um império onde as promessas do bem comum se realizavam no tempo presente. Não se deixava envolver por um imobilismo transcendental; muito pelo contrário, lança-se no mister de edificar um novo mundo, de configurar a utopia do mundo espiritual longe do pecado; culminando na realização do seu Belo Monte.

Conforme Barros (2008, p.156)

As classes dominadas, quando galvanizadas pela ações dos movimentos religiosos, tentam atualizar esse tempo escatológico, realizar no “agora” as promessas do bem comum. Manipulam a categoria de tempo, anunciando a chegada dos “tempos prometidos”, o “fim do mundo”. É interessante que, esperando esse fim do mundo, não se quedam no imobilismo transcendental, mas muito pelo contrário, partem para uma ação de “plantar” o novo mundo, de “construir” a utopia do mundo do Espírito Santo. Como se tivessem consciência teórica do papel histórico do homem na construção material e espiritual de seu próprio mundo, não esperam a chegada de Deus construtor dessa “existência inefável”, mas fazem eles mesmos as suas “cidades santas”, as cidades longes do pecado. Nesse movimento de precipitação dos fatos prometidos, o encurtamento do tempo, com a ameaça do julgamento final, obriga os homens a superar a condição máxima entre dominadores e dominados, afastando a dominação, instituindo o “reino de igualdade”, o “mundo santo”.

Antônio Vicente, além de arquiteto e restaurador de igrejas, capelas e cemitérios, foi fundador de cidades. Também tinha verdadeira facilidade com as palavras, chegando até nós alguns exemplares manuscritos contendo sermões, profecias e passagens bíblicas. Na voz do povo, Antonio Conselheiro fazia versos, e, embora seus poemas sejam poucos, alguns fragmentos se perpetuaram:

O relógio e a saudade
 Andam suspensos nas horas
 Só quem não ama não sente
 Quando meu bem vai embora
 Quando meu bem me visita
 Se estou doente melhoro
 Repito a mesma doença
 Quando meu amor vai embora
 Minuto parece hora
 Hora me parece dia
 Dia me parece ano
 Quando meu amor vai embora
 (apud GUERRA DE CANUDOS, 1997).

Peregrino, profeta, anacoreta, beato, arquiteto, conselheiro e poeta desses sertões de sol causticante e estradas pontilhadas de espinhos; Antônio penitente em todas essas condições soube erigir com o auxílio mútuo o seu império de criação; um conjunto de obras sem igual, nesses confins: sertanejos e barrocos, ásperos e luzidios, como as terras por onde percorreu. Um conjunto de obras pias ia se erguendo pelas paragens mais ermas e distantes, conjunto que a muitos orgulhava, que devolvia a alegria e a dignidade às gentes oprimidas e esquecidas da região do semiárido.

As obras que hora se apresentam aqui, foram resultado de minuciosa pesquisa acadêmica de mestrado. Nela, faz-se uma amostragem e compilação de várias obras erigidas pelo Conselheiro e seu povo num longo período de vinte e três anos (1874-1897), contados desde seu aparecimento na Bahia, quando ainda peregrinava, até sua fixação e morte, na cidade do Belo Monte.

O objetivo maior é, sem fazer recolha, revelar e divulgar, bem como possibilitar uma política de preservação e proteção desses monumentos que estão em crescente deterioração. São igrejas, cemitérios, capelas e cruzeiros que, embora digam muito sobre um povo, uma época, uma cultura, estão em completo obscurantismo.

Utilizando-se da oralidade como fonte de pesquisa, várias viagens pelas cidades do sertão, onde Conselheiro edificou, foram feitas, com o objetivo de fotografar, catalogar e

divulgar o que ainda existe sobre elas. Também, documentos e fotografias importantes da época foram devassados e analisadas, com o intuito de reconstituir algumas das obras já desaparecidas.

O resultado ora apresentado percorre, em primeiro momento, sobre a vida pregressa do anacoreta até sua morte no Belo Monte. Nesse sentido, procurou-se reconstituir com maior ênfase as maiores e mais completas construções do beato, começando com o projeto mais audacioso: o Belo Monte, passando depois pelo conjunto de Crisópolis, Chorrochó e Monte Santo. Por fim, foram apresentadas obras diversas contendo: capelas, cemitérios, igrejas e inúmeras reformas.

O resultado alcançado foi uma amostragem de importância considerável, pois a pesquisa, além de catalogar e propagar todo esse repertório de linguagens artísticas não se esgota por ai, pelo contrario, aponta para novas possibilidades de descobertas. Pois muitas outras construções, dessas gentes, ainda serão reveladas, quebrando aquela profecia que dizia que o beato edificaria apenas 25 igrejas em terras distantes do Ceará.

CAPÍTULO I

UMA INCURSÃO PELA VIDA E PELA OBRA DO PROFETA ANTÔNIO DOS MARES, SANTO ANTÔNIO APARECIDO OU BOM JESUS CONSELHEIRO

SANTO ANTÔNIO CONSELHEIRO

Antônios...
 Muitos.
 Como os sons das muitas águas.
 Das que rolam em corredeiras, rios e cachoeiras,
 Nas securas dos sertões.
 Antônio dos mares...
 Permeados de poeira, miragens e solidão.
 Mar que ecoa nas paragens mais ermas das caatingas,
 Repleto de espectros, cores, olores e cantigas.
 Mar sóbrio, ainda que pretérito,
 Onde ecoam as vozes épicas e luzidias das entidades lusas.
 Antônio do mar de dentro...
 Mar sertânico,
 Atlântico.
 Donde correm rios vários:
 São Francisco, Vaza-Barris, Itapicuru, Rinaré...
 Antônio peregrino...
 Caminhante das intransponíveis errâncias,
 Mutante das faces multiplicadas no maná:
 “Barrancos de cuscuz e rios caudalosos de leite”.
 Santo Antônio desaparecido,
 Que conduz os esquecidos:
 Homens, mulheres, nação...
 Santo Antônio Aparecido:
 São Francisco,
 Bom Jesus,
 São João...
 Meu Bom Jesus Conselheiro,
 Do Belo Monte o primeiro,
 Deus vos salve, Dom Sebastião.

(SANTOS, 2009).

1.1 ANTÔNIO VICENTE MENDES MACIEL – AS PRIMEIRAS VIVÊNCIAS NO QUIXERAMOBIM E NAS TERRAS DO CEARÁ

Foi no antigo Ceará Grande que, pela primeira vez, viu a luz da vida, Antônio Vicente Mendes Maciel, cuja alcunha mais conhecida seria: Antônio Conselheiro.

As terras cearenses não foram, na sua gênese, almejadas pelos colonizadores, pois não ofereciam as possibilidades de rentabilidade e enriquecimento tão vislumbrados, como aquelas que iam da Bahia ao Rio Grande de Norte. Também não ofertavam pouso tranquilo e agradável.

Na crônica de muitos viajantes, o Ceará da época colonial era um território misterioso, permeado de índios ferozes, e de natureza praticamente inóspita e hostil. Era comum na boca dos desbravadores a afirmação de que naquelas paragens só o mar e o céu tinham imponência, sendo que as demais paisagens eram rochosas, desoladas e impenetráveis.

O conquistador Martim Soares Moreno (apud MACEDO, 1978) foi o primeiro a proclamar que em todas as léguas do Ceará, não havia um palmo de terra que se pudesse povoar onde tudo eram areias ardentes e onde só medrariam rebanhos.

Nessas crônicas antigas percebe-se, sempre, um tom melancólico e lúgubre, ressaltando-se a fisionomia entristecida e bárbara, onde todos os elementos que compõem aquela existência se fundem no aniquilamento.

Descrita como a concha, abrigo e esconderijo de malfeiteiros, ladrões e vadios coloniais, de uma gente cujos antepassados, portugueses ou índios, viviam pelos matos caçando e roubando gados. Era, entretanto, o país dos mal-aventurados, propício à gestação de vagabundos e ao nascimento de místicos sombrios e desgarrados. (MACEDO, 1978, p.40).

Tratado por esse prisma, vê-se que o processo de aldeamento e povoação do Ceará foi um processo lento; dar-se-ia, em maior escala, a partir do ano de 1709. A formação do território cearense se concretiza, contudo, quando ocorre a ocupação do seu sertão por criadores de gado oriundos de outras regiões nordestinas. Os caminhos percorridos pelas boiadas foram de fundamental relevância para a sua ocupação. O gado trazido da Paraíba, da Bahia, do Rio Grande do Norte e do Pernambuco foi efetivando percursos que tinham como destino os lugares mais agradáveis, às margens dos rios, para a criação de vilas e

povoados. As vilas que se formaram a partir daí, tais como: Vila Nova do Campo Maior do Quixeramobim, Vila do Icó, Sobral, Aracati, dentre outras, foram centrais nesse processo. (Imagen 01).

Excetuando Fortaleza, serão, sobretudo, nesses entrepostos comerciais do Ceará Grande, que vamos ter uma maior produção do patrimônio arquitetônico religioso colonial.

Devido ao fluxo proveniente do comércio de gado e de mercadorias diversas, essas áreas tornaram-se mais dinâmicas e terminaram por atrair para si algumas ordens religiosas, donos de terras adquiridas em sesmarias, etc.

Entretanto, embora seu patrimônio seja pouco estudado e divulgado, elas apresentam monumentos religiosos da época colonial, que são referências no processo religioso e histórico-cultural cearense.

Bazin (1983, p.26) anuncia que no século XVIII, o Brasil estava dividido em cinco regiões: o Extremo Norte, o Nordeste, o Centro, o Interior e o Rio de Janeiro. Segundo o autor, o Ceará estava situado no Extremo Norte, que compreendia os imensos territórios do Amazonas, Maranhão, Piauí, e Pará, e que por sua vez, compreendia, na época, o grande estado do Maranhão, independente do Governo Geral do Brasil e fundado em 1621.

Ainda de acordo com o autor, Fortaleza foi fundada em 1610 e Belém do Pará 1616. A essas regiões, afastadas dos grandes centros e de difícil comunicação entre si, mesmo por mar, devido a vários problemas, a civilização chegava sempre atrasada. Nesse sentido, ele conclui que ai, as obras de arte eram raras e foram os jesuítas que exploraram, organizaram e civilizaram esses territórios.

Sendo assim, é notório que este afastamento repercutirá na produção artística e arquitetônica da época colonial. O período setecentista pode ser considerando, pela demonstração de estabilidade em relação à manutenção do domínio, inclusive no interior, como constituído um período de uma relativa identidade brasileira. Essa identidade é percebida pelas singulares obras de cada região do Brasil.

No século XIX, a vida cultural do interior do país continuava ainda muito parecida como a do século anterior. No sertão cearense, terão mais destaque e dinamismo as comunidades tidas com “empório comercial”. A vila do Quixeramobim do oitocentos era, ainda, deveras estática.

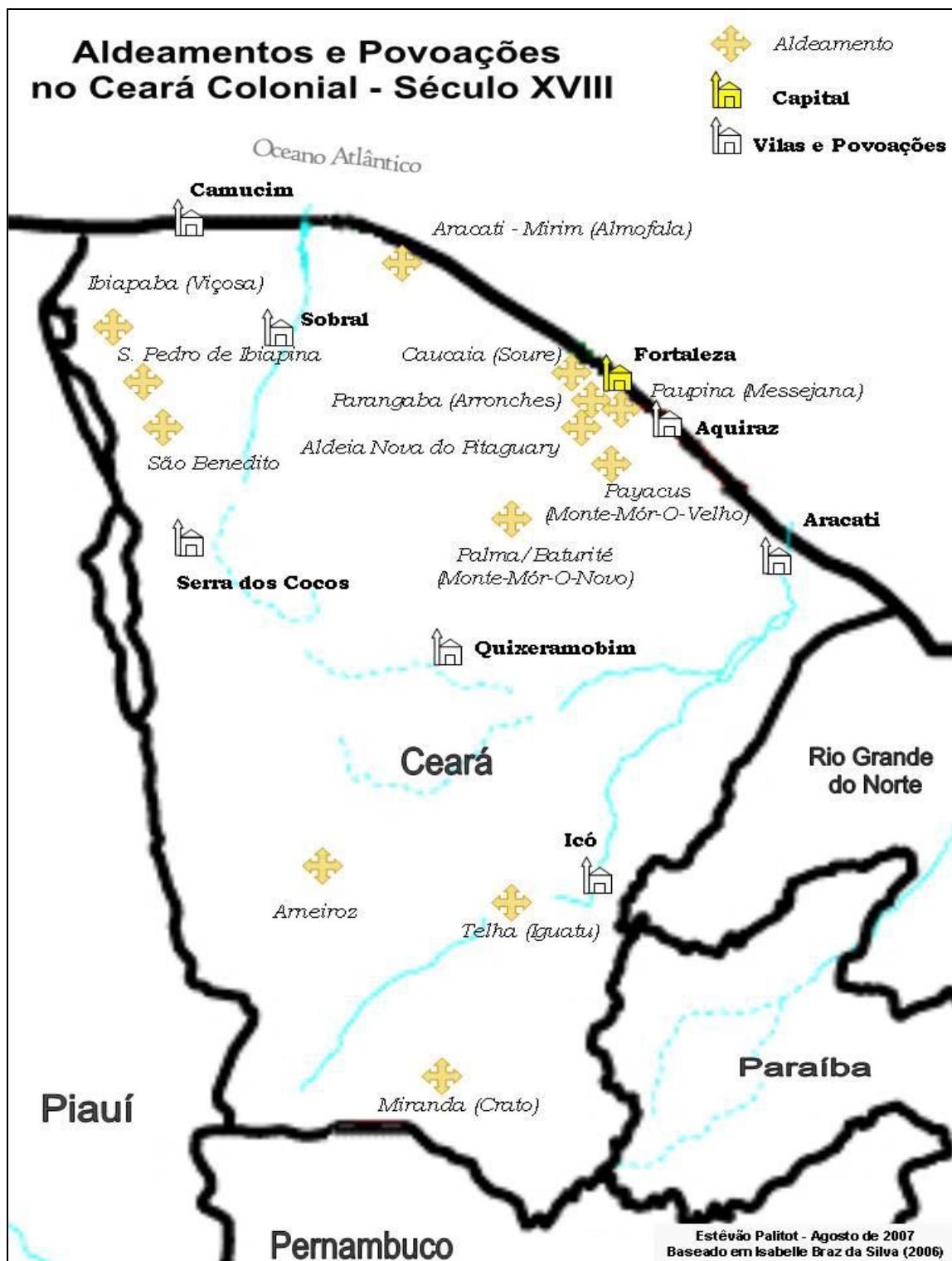


Imagen 01: Mapa do Ceará do século XVIII.

Fonte: <http://indiosne.blogspot.com/2008_05_01_archive.html> Acessado em 10/06/2010.



Imagen 02: Localização do município de Quixeramobim - CE

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quixeramobim>

Acessado em 10/06/2010.

Macedo (1978, p.17), com sua poética, traça o perfil da Vila do Quixeramobim da primeira metade do século XIX. (Imagen: 02).

A vila como tantas outras do sertão do Ceará, envolta na soalheira selvagem, o sol intenso e prolongado dos verões calmosos, a que duramente se acostumam os olhos do viajante incauto afeito a outras paragens de mais águas e verdes. Solitários e tristes, os gados ruminam e badalam nas raras mangas que pontilham as fazendas, brotadas de chão pedregoso, que enrijece e deforma os cascos dos animais e os pés dos homens. No meio desse mundo de cintilações, e silêncio sertanejos coloniais, construíram a Vila Nova do Campo Maior do Quixeramobim[...] A vila, semelhante a tantas outras, nada apresenta de relevante ou singular, conquanto, em dias passados, provincianos maliciosos costumassem dizer que ela se destacava unicamente por possuir três coisas grandes: o nome, a ponte da estrada de ferro e a língua do povo.

Foi, contudo, na Vila Nova do Campo Maior do Quixeramobim, no centro do território do Ceará Grande, no início do ano de 1830 como consta em seu batistério, que nasceu o Antônio Vicente Mendes Maciel:

Aos vinte e dois de maio de mil oitocentos e trinta baptizei e pus os Santos Óleos nesta matriz de Quixeramobim ao parvulo Antonio pardo nascido aos treze de março do mesmo ano supra, filho natural de Maria Joaquina: foram padrinhos, Gonçalo Nunes Leitão e Maria Francisca de Paula. Do que, para constar, fiz este termo, em que me assinei. O Vigário, Domingos Álvaro Vieira. (CALASANS, 1997, p.25).

O menino, que nasceu num dia 13, seria chamado, na pia batismal, de Antônio Vicente, o mesmo nome com que seria chamado em sua infância e juventude. Antônio é o nome do padroeiro da vila e Vicente o nome do seu pai.

Fora batizado na Igreja Matriz de Santo Antônio cujo fundador foi o português Antônio Dias Ferreira, e teve como madrinha uma personagem que entraria para as crônicas do Ceará: Maria de Paula Lessa, a Marica Lessa imortalizada na obra *Dona Gidinha do Poço*, de Manuel de Paiva Neto.

Macedo (1978, p.33) diz que Marica Lessa, a Guidinha do Poço, participava ativa e influente na sociedade do Quixeramobim. Era orgulhosa e prepotente, sendo um retrato vivo do meio onde habitava, pois essa comunidade, afeita à violência e à oração, era receosa dos castigos divinos e alheia aos sofrimentos dos outros. Segundo o autor, essa personagem, rica e fazendeira mandona dos campos do Quixeramobim do oitocentos, apaixonada por um sobrinho do marido, o coronel Domingos Vitor de Abreu e Vasconcelos, mandou assassinar a este por um escravo, fato ocorrido em 1853.

Outras histórias que mancharam de sangue o território do Quixeramobim foram as infindáveis lutas clânicas. Antônio Vicente Mendes Maciel, por exemplo, que era filho de Vicente Mendes Maciel tinha sua família envolvida nesses confrontos. Tornaram-se muito famosas as lutas sangrentas que os Maciéis travaram com as famílias Araújo e Veras.

A luta sangrenta, iniciada em 1833, de vinditas em vinditas entre Macieis e os Araújos, ficou famosa no sertão cearense. Esta luta agravou-se com o massacre da família Maciel, sob a promessa não cumprida, de que ninguém seria morto. No massacre morreu Miguel Mendes Maciel, avô de Antônio Conselheiro, cuja honestidade [...] era reconhecida pelos próprios inimigos. (MONIZ, 1981, p. 12).

É nesse cenário, nas terras do coração do Ceará, marcado pela violência e pela religiosidade, que Antônio Vicente passou a sua infância e juventude. Ao que tudo indica o pai de Antônio Vicente não se envolveu nestes conflitos. Vivia do pequeno comércio e também da construção de casas, atividades que, mais tarde, seriam exercidas pelo filho. Montenegro, (1954, p.10) afirma que ele dedicava-se ao comércio de secos e molhados, embora fosse analfabeto. Diz-nos, ainda, que a fortuna que ganhava empregava nas edificações.

Todavia, pensando num futuro melhor para o filho, não poupa esforços para colocá-lo na escola do professor Antônio Ferreira Nobre, referência na vila, onde passa a estudar francês, latim, português e aritmética. Desejava que seu filho seguisse o sacerdócio, pois

entendia que era uma maneira de se ter uma vida mais tranquila e segura, naqueles rincões castigados pela seca, e, repletos de dificuldades. Com os saberes adquiridos, Antônio faria farto uso, posteriormente, nos seus sermões e nos livros manuscritos que deixou.

A respeito dos anos iniciais de sua juventude nos diz Montenegro (1954, p.11):

Antônio revelava-se muito religioso, morigerado e bom, respeitoso para com os velhos. Protegia e acariciava as crianças. Sofria com as rusgas entre o pai e a madrasta. Consideravam-no a pérola do Ceará, por ser um moço sério, trabalhador, honesto e religioso. Divertia-se pouco [...] nos momentos de folga lia o Lunário Perpétuo, a Princeza Magalona, Carlos Magno e outros livros que circulavam nos sertões.

Sua infância foi pontuada por tragédias e dificuldades de toda ordem. Aos cinco anos de idade ficou órfão de mãe e nos anos seguintes amargurou as violências imputadas pela madrasta.

Foram inúmeras as suas dificuldades. Aos 25 anos, estando órfão de pai, se viu obrigado a cuidar do comércio, das irmãs e da madrasta que a essa altura foi acometida por afecções mentais. Depois de casar as irmãs e liquidar as dívidas do comércio, contraiu matrimônio, no ano de 1857, com Brasilina Laurentina de Lima, na Matriz de Quixeramobim.

Aos sete dias do mês de janeiro de 1857, nesta matriz de Quixeramobim, pelas oito horas da noite, depois de preenchidas as formalidades de direito, assisti a receberem-se em matrimônio e dei a bênção nupcial aos meus paroquianos Antonio Vicente Mendes Maciel e Brasilina Laurentina de Lima, naturais e moradores nesta freguesia de Quixeramobim, esta filha natural de Francisca Pereira de Lima e aquele filho legítimo de Vicente Mendes Maciel e de Maria Joaquina do Nascimento, ambos já falecidos, sendo dispensados do impedimento do terceiro grau atinente ao segundo, de consanguinidade lateral desigual; foram testemunhas José Raimundo Façanhas e Pedro José de Matos; do que para constar mandei fazer este assento que assino. O Vigário interino José Jacinto Bezerra.

(Arquivo do Arcebispado. Quixeramobim. Casamentos Liv. 4 p.53 / Apud Ismael Pordeus in "O Nordeste", 26.09.1949. / Arquivo de José Calasans/Núcleo do Sertão, UFBA)

Como se pode observar foi a Igreja Matriz do Quixeramobim a primeira referência de edificação religiosa na vida de Antônio Vicente. Na matriz de Antônio Dias ele recebeu o sacramento do batismo, casou e cumpriu todas as suas obrigações religiosas.

Na voz do escritor Nertan Macedo (1978, p.20), Antônio amava a solidão, pois, era um fruto dela. Acostumara-se com a morte, que passava constantemente através dos

cortejos fúnebres na porta de sua casa, onde homens e mulheres, beatas e velhas oravam na rua, ecoando em sons pungentes, confusos, palavras inaudíveis, apagadas, ecoando na noite, litâника, esvaída em ladinhas.

Segundo o autor, Antônio cresceu e viveu à sombra da capela do capitão português, aquela capela que projetava no mar da noite sertaneja, em branca nudez de paredes caiadas, vela de barco em navegação. (Imagen: 03).

Foi esse contexto, permeado de religiosidades e misticismos, um dos aspectos de influência na vida devotada à religião, posteriormente. O seu mundo, até a idade adulta – antes do casamento, se circunscrevia às imediações da vila do Quixerambim com algumas incursões pelas vilas comerciais do Ceará: Aracati, Sobral e, mais tarde, Icó.

Sobre a capela da Vila do Quixeramobim situada às margens do Rio Rinaré nos informa Macedo (1978, p. 23,25).

Amortalhado no hábito de São Francisco, assim quis partir o Capitão Antônio deste Vale de Lágrimas, vestido de frade, na pobreza de um franciscano. Mas, em vida quis honrar sobremodo a sua fé religiosa, erigindo capela de pedra cal, com três arcos no frontispício e dois altares, por hábeis mãos de oficiais vindos do Reino, não reparando no custo, e bem ornada, com damasco, patena, cálice, colher de prata, imagens e alfaias [...] Antônio Dias Ferreira, cristão valente do Porto, sonhava transformar em grande o bastante para alojar opas, [...] brandões, cajados de prata, cruzes alçadas, nave iluminada por fortes candeias de azeite e defuntos amortalhados em alvas [...] E o piso atulhado deles, os mortos, uma vez sepultados, debaixo das encomendações da Igreja. Uma casa de Deus como devera ser: e que os gados, carros de junta e cavaleiros não lhe viesssem afrontar o templo, ao transitarem pelo patamar, no espaço vazio entre fachada e o cruzeiro! Com aquele capricho, fé e paciência do tempo, o capitão do Quixeramobim mandou fabricar três sinos. Porém, um de seus alveneiros, mestre Antônio Mendes da Cunha, acusado de bigamia, num auto de fé da inquisição, foi condenado ao degredo e açoites.

Acerca desta edificação religiosa discorreu também o jornalista e cronista cearense do oitocentos, João Brígido. Em seu famoso *Ceará: homens e factos* ele biografa pela primeira vez sobre Antônio Vicente e sua família, além de contar várias outras histórias dessa província.

A matriz de Quixeramobim, construcção no gosto architectonico reinante nos fim do século passado, dá perfeitamente a méta, a que havia atingido a arte entre os colonos do Ceará. A esse templo, ao que parece, precedeu uma casa em frente, ora em ruínas, na qual residio por ventura o erector desse monumento da fé e até à sua morte o tabellião Lobo [...] A matriz de Quixeramobim concluiu-se em 1770, 25 annos após a criação da freguezia. Já existia uma pequena igreja, que o grande edifício aproveitou, não, passando o actual de uma remonta [...] O rico devoto, construindo aquelle templo, pôde-se dizer – creou aquella cidade attrahindo-lhe os moradores. E fé-lo com empenho e magnificência, até

mandando vir artistas de Portugal. As obras, que têm resistido à ação do tempo, provam o esforço e o empenho, que ele consagrou à fundação desse monumento cristão. Foi aquillo, no seu tempo, o que a arte produzia de melhor no Ceará, - uma igreja vasta e bem decorada, sem embargo do pouco que veio a ser na actualidade, salvo quanto à solidez. A matriz de Quixeramobim, hermeticamente fechada e com assoalhos lateraes, tornou-se no correr dos annos, uma igreja mal assombrada. É que ali se fazia a inhumação dos cadáveres da fraguezia, como de costume em todo Ceará. (BRIGIDO, 1910, p. 151-155).



Imagen 03: Igreja matriz de Santo Antônio de Quixeramobim de Antônio Ferreira Dias, Século XVIII.

Fonte: <http://liceudequixeramobim.blogspot.com/2009_08_01_archive.html> Acessado em 10/06/2010.

No Ceará antigo, no que concerne a arte e arquitetura religiosa, existiram variados estilos. Nele, verificavam-se exemplares da lavra barroca, alguns de feição rococó, outros de cariz neoclássico e uma variedade de estilos mais simplificados.

Predominou, a partir de meados do XIX, nessas terras, uma crescente valorização pelas edificações religiosas de tendência revivalista. As igrejas neogóticas do Ceará demonstram monumentalidade. Um exemplo dessas características é presenciável na Catedral de Fortaleza. No interior desse Estado, são recorrentes os templos com uma torre central na fachada, as quais, as vezes apresentam em seu topo, um Cristo soberano semelhante ao Cristo Redentor.

Esse imbricamento de estilos presenciáveis nas igrejas cearenses, ainda que modestos, não são, em hipótese alguma, inferior aos demais estilos brasileiros. Pode-se citar, também, as construções que sequer figuram nos anais da história do povo brasileiro: aquelas feitas pelo ajuntamento de pessoas, em caráter emergencial.

É que em decorrência dos flagelos que sempre assolaram o Ceará, surgiram repetidas vezes devoções que tiveram como fim o levantamento de comunidades, casas de caridade, templos religiosos, cemitérios, etc. Tornaram-se conhecidos o trabalho de algumas personalidades dessa terra, que posteriormente vieram a se tornar líderes de comunidades rurais e urbanas. Dentre eles podemos destacar: Pe. Ibiapina¹, Antônio Conselheiro, Pe. Cícero², beato José Lourenço³, dentre outros.

Barroso (2005, p.8) diz que em todos os tempos, os templos erguidos aos deuses foram os monumentos mais representativos e admiráveis nas mais diversas épocas. Segundo o autor, as catedrais medievais, assim como os panteões da antiguidade clássica, e, mesmo as igrejas do barroco mineiro, baiano e pernambucano, orgulho da arquitetura e da arte brasileira já foram divulgadas repetidas vezes, não faltando autor para escrever sobre elas. Porém, as modestas igrejas do Ceará, que nunca foi rico o suficiente para cobri-las de ouro, nem bastante esclarecido para projetá-las esplendorosas, têm sido pouco pesquisadas.

¹ Padre José Antonio de Maria Ibiapina. Assim assinava aquele que o povo chamava de mestre Ibiapina, o maior missionário do Nordeste. Homem culto, filho de Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria, formou-se em Direito, tendo ocupado cargos na magistratura e na Câmara de deputados. Decepcionado, abandonou a vida civil para seguir o catolicismo. Aos 47 anos, iniciou uma obra missionária, percorrendo a região Nordeste em missões evangelizadoras, erguendo inúmeras casas de caridade, igrejas, capelas, cemitérios, cacimbas d'água e açudes (OLIVEIRA, 2007, p. 101).

² Padre Cícero Romão chegou ao Vale do Cariri – CE na década de 1850, num período imediatamente anterior às terríveis secas de 1877-1879. Recém-ordenado encorajou os crentes a cavar poços, construir abrigos e plantar roçados de mandioca. À medida que foi crescendo o número de seguidores que se encaminhavam para a sua comunidade na cidade do Juazeiro, no Ceará, também aumentaram as reclamações dos clérigos em relações às suas práticas religiosas (LEVINE, 1995, p. 312).

³ Antigo ajudante do Padre Cícero, após a morte deste, capitaneou a construção de uma “nova Juazeiro”. Em 1930, Lourenço, um boiadeiro analfabeto de seus 40 anos, decidiu se vestir com as roupas de couro usadas pelos vaqueiros e, mesmo assim, agir como um penitente. Seus seguidores camponeses trabalharam arduamente construindo uma pequena Juazeiro para aguardar a volta de Padre Cícero à Terra. O trabalho era comunitário e assemelhava-se um pouco a Canudos (LEVINE, 1995, p. 316).

Todavia, neste Estado elas são muitas. Atestam soberanas o ideário de fé e devoção daquela gente. Fé que se faz cada vez mais forte toda vez que as dificuldades crescem. Devoção extrema que correu todos os sertões do Ceará, Sergipe, norte da Bahia, etc., impulsionada, sobretudo, pelas missões dos padres capuchinhos, franciscanos, lazarianos e oratorianos.

As vilas do interior cearense servirão de rota comercial para Vicente Mendes Maciel e seu filho Antônio Vicente. São as igrejas dessas vilas, extremamente alvas e iluminadas pelo sol do sertão, que impressionará Antônio Vicente. É o mundo conhecido dele nessas primeiras trajetórias. Conhecia aquele vasto mundo do sertão do norte: do Aracati ao Icó, e deste ao Sobral, sítios possuidores de monumentos simples, mas, deveras, elegantes (Imagens: 04, 05 e 06).



Imagen 04: Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, Sobral – CE, Século XVIII.
Fonte: Vicente A. Queiroz.



Imagen 05: Igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário, Aracati – CE, Século XVIII.
Fonte: Vicente A. Queiroz.



Imagen 06: Igreja matriz de Nossa Senhora da Expectação, Icó – CE, Século XVIII

Fonte: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/CE10284.jpg>>

Acessado em: 10/06/2010.

Depois de casado, Antônio Vicente, que tinha fracassado nos negócios, termina abandonando com sua esposa, o seu torrão natal. Começa a partir daí, na tentativa de sobrevivência, uma vida de nomadismo pelas terras do sertão do Ceará.

Otten (1990, p. 142, 143) assevera que, como o comércio não ia bem, liquida-o, e no mesmo ano, ainda, se transfere para uma fazenda vizinha, lecionando português, aritmética, e geografia. Não se fixando no local, retira-se para o Campo Grande como caixeiro; desfeito este emprego, passa a atuar no foro como advogado dos pobres. Em 1861, o autor nos diz que, deixando o Campo Grande torna-se advogado provisionado em Ipu.

Nessa mesma época, sua mulher, que lhe dera dois filhos, foge com um furriel da força pública, deixando sua vida bastante inconstante. Mais adiante, muda-se para a Fazenda Tamboril e, novamente, exercerá a profissão de professor. Mas a vida errante continuava a empurrar o profeta pelos meandros dos sertões. Se estabeleceu, por um curto período de dois anos, em Santa Quitéria - CE, onde conheceu Joana Imaginária, mulher

meiga e mística que esculpia imagens de santo em barro e madeira e com ela teve um filho chamado Joaquim Aprígio.

Certamente com Joana Imaginária seu espírito místico religioso se avultaria, como também acentuaria o seu senso estético, pois sendo Joana uma escultora, muito contribuiria para a corporificação das artes visuais que se fariam presentes em suas construções.

Aos cinco anos já desenhava cajus nas paredes. Os desenhos das castanhas encravados nas suas unhas eram rupestres. No subconsciente sujo e encardido, a cor que vislumbrava assumia um tom sanguíneo, entre o pardo e o marrom, suas cores prediletas quando desenhava ou pintava. Deixara o desenho para ser ceramista, já que o barro era mais fácil de ser achado e a madeira doía-lhe nos dedos sendo encarnada na ponta do canivete. Joana não queria pegar o homem nenhum, livre cigana dos sertões raparigueiros. Ainda não tinha conhecido nem se apaixonado por Antônio Vicente Mendes Maciel, o futuro Conselheiro. Estava de sina sinada que, com ele se encontraria na Rua da Palha, em Santa Quitéria, perto de Sobral. Terra de muito calor e sol. Estava no esplendor dos trinta anos [...] Suas peças de barro, suas imagens na madeira eram espalhadas pelos sertões; as encomendas quando havia, vinham de fora e se sumiam nos mercados longe. (DANTAS, 1982, p. 31, 35).

De acordo com Benício (1997, p. 68), os profundos golpes que o destino desferira sobre a sua cabeça eivada de doutrinas complexas e confusas pregadas por missionários estrangeiros, então invadindo os sertões, bem como a presença mística de Joana Imaginária alquebraram o seu espírito; fizeram com que Antônio tomasse outros rumos.

Pelos idos de 1865, Antônio parte novamente, dando-se à uma vida de intermitências nômades percorrendo os povoados da região. Na segunda metade da década de 1860, fixa-se em Várzea da Pedra, insistindo novamente com os negócios, mas os fracassos comerciais e a provável influência das pregações do Padre Ibiapina levam-no a iniciar uma nova fase de sua vida. A essa altura, a sua esposa que o abandonara, prostituíase, sucumbindo em Sobral, sua terra natal, esmolando à caridade pública.

Nesse ínterim, tomado de vergonha dirige-se a Paus Brancos - CE, onde morava sua irmã Francisca Maciel e a partir daí, em rota migratória, segue, novamente, para o Crato, onde, certamente, teria acompanhado os missionários que pregavam, engrossando o número dos peregrinos. Segundo Benício (1997), corria o ano de 1867 ou 1868 quando ele desapareceu do Ceará. Segundo o autor, passaram-se seis anos sem que se tenham notícias de Antônio Maciel até seu aparecimento nas terras da Bahia e Sergipe.

A obra empreendida pelo Pe. Ibiapina deixou fortes marcas em Antônio Vicente Mendes Maciel. Essa evidências não se resumiam somente ao processo de evangelização.

Considerado por muitos como o precursor do Conselheiro, Ibiapina ergueu pelos sertões do norte, na faixa compreendida entre o Ceará, a Paraíba e o Rio Grande do Norte inúmeras casas de caridades e diversas igrejas. Muitas dessas obras, articuladas para dar assistência aos desfavorecidos, eram, como se verá adiante, parecidas com as que Antônio concebeu. Na obra material deixada pelo Pe Ibiapina está, possivelmente, uma das matrizes estéticas que se processará nas obras conselheiristas.

Numa perscruta mais atenta dessas construções, evidenciamos as marcas que unem esse dois religiosos. São obras de repertório simplificado, com fachadas, às vezes, triangulares, pontuadas por pináculos (Imagen: 07). Usualmente, vê-se alinhado à sua fachada um cruzeiro onde os penitentes, beatos e peregrinos rezavam, ouviam sermões e faziam festas em honra ao padroeiro.



Imagen 07: Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, Alto do Umbuzeiro, PI - 1871

Fonte: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/recorte-de-um-retrato>>

Acessado em 10/06/2010.

1.2 SANTO ANTÔNIO APARECIDO, ANTÔNIO DOS MARES, IRMÃO ANTÔNIO OU ANTÔNIO CONSELHEIRO, O BEATO PEREGRINO

Dado o desaparecimento de Antônio Maciel nas terras do Ceará, contaram-se entre seis a dez anos sem que se tenham notícias dele. Aparecerá, contudo, depois desse período nas terras sergipanas e baianas.

Sobre as últimas aparições do beato, ainda em solo cearense, numa entrevista concedida a Nertan Macedo, na década de 60 do século XX, deporá Honório Vilanova, um dos poucos sobreviventes da Guerra de Canudos.

Conheci o Peregrino, era eu menino, no Urucu. Se bem me recordo foi em 1873, antes da grande seca. Ele chegou, um dia, à fazenda, pedindo esmola para distribuir pelos pobres, como era do seu costume. Donde vinha, não posso lembrar. Falava-se que dos lados do Quixeramobim, mas a origem pouco importa. Compadre Antônio deu-lhe um borrego nessa ocasião. O Peregrino disse que tinha uma promessa a cumprir: erguer vinte e cinco igrejas. Que não as construiria, contudo, em terras do Ceará. Nunca mais pude esquecer aquela presença. Era forte como um touro, os cabelos negros e lisos lhe caíam nos ombros, os olhos pareciam encantados, de tanto fogo, dentro de uma batina de azulão, os pés metidos numa alpercata de currulepe, chapéu de palha na cabeça. (Vilanova, apud MACEDO, 1983)

Ao que tudo indica já trazia consigo alguns seguidores. Surgia pregando a religião cristã da forma como entendia, versado, certamente, nos ensinamentos aprendidos com os missionários, e com os desdobramentos do catolicismo popular.

Na época do seu aparecimento, surge trajando longo vestido de túnica azul de algodão, sandálias de couro ao modo franciscano, longas barbas e longos cabelos. Chamavam-no: Antônio dos Mares, Antônio Aparecido, Meu Pai, dentre outros, iniciando, desta maneira, uma série de títulos que viria a ter nos sertões da Bahia.

No concernente ao nome do beato peregrino, o cronista João Brígido (apud CALASANS, 1950) informa que Antônio Vicente Mendes Maciel era conhecido em sua terra como Antônio Vicente, na idade adulta chamavam-no, também, de Maciel. Todavia, no momento em que ganhou celebridade nos sertões nordestinos, passou a ser Irmão Antônio, Antônio Conselheiro, Santo Antônio Aparecido, Santo Conselheiro, e, finalmente Bom Jesus Conselheiro, quando seu prestígio entre o povo do sertão atingiu o auge.

O primeiro jornal a noticiar o aparecimento de Antônio Conselheiro foi o periódico sergipano de Estância, chamado *O rabudo*, publicado em 22 de novembro de 1874 (Imagen: 08).

Imagen 08: Periódico *O Rabudo*, 1874.

Fonte: Jadd Pimentel.

O nome dos bemfeiteiros da humanidade é esquecido e conservado fatalmente a memoria doss que aflagellarão, se não ignorarmos o nome doss que descobrirão e popularisarão os venenos mais subtils, nem a vida dos que inventarão as armas mais mortiferas em compensação não sabemos o d'aqueles que creando um instrumento ou esboçando uma idéa abrirão à intelligencia humana o campo incommensuravel do trabalho, ou que encaminharão por suas maneiras prejudiciaes à um profundo abysmo, o pobre povo inexperiente. Aquele que por suas acções apparentemente de verdadeira philantropia procura fazer-se saliente por meio de um regime qualquer, não lhe importando ser ou não contrario aos nossos principios religiosos; que, com a infamo capa da hypocrisia abusando do espírito pacifico dos encarregados do poder; ainda mais da simplicidade ou para melhor diser da tacanhesa de espirito da plebe toma-se inacessivel, cêdo ou tarde será aferrolhado pelo dedo da justiça, e d'então cahirá em complecta degradação. Abons seis meses que por todo o centro desta e da Província da Bahia, chegado, (diz elle,) da do Ceará infesta um aventureiro santarrão que se apellida por Antonio dos Mares: o que, avista dos apparentes e mentirosos milagres que disem ter elle feito, tem dado lugar a que o povo o trate por S. Antonio dos Mares. Esse mysterioso personagem, trajando uma enorme camisa azul que lhe serve de habitu a forma do de sacerdote, pessimamente suja, cabellos mui espessos e sebósos entre os quaes se vê claramente uma espantosa multidão de bixos (piôlhos). Distingue-se elle pelo ar mysterioso, olhos baços, téz desbotada e de pés nus; o que tudo concorre para o tornar a figura mais degradante do mundo. Anda no caracter de missionario, pregoando e ensinando a doutrina de Jesus Christo, diz. Suas predicas consistem na proibição dos chales de merinó, botinas, pentes; e não comer se carne e cousas dòces nas sextas e sábados. Tem levantado latadas em diversos lugares e por onze dias arrastado o povo a seos concelhos sendo tudo bem semelhante a uma missão de cujas ordens se acha revestido. O fanatismo do povo tem subido a ponto tal que affirmão muitos ser o próprio Jesus Christo e disem mais, que fora dos conselhos de tal santo não haverá certamente salvação; beijão-lhe a veste sebosa com a mais fervente adoração! Algumas pessoas de juiso são accordes que esse homem commeteo um grande crime, o procura espiar-o ou encobril-o por esta forma: não aceita esmolas, e a sua allimentação é a mais resumida e simples possivel. É incalculavel os prejuiclos que teem soffrido os pobres pais de familia; pois vêem

todo o fructo de suas fadigas tornando em cinzas logo apoz ás predicas do misterioso saltimbanco. Pessoas há que não deixarão se quer um uniforme complecto; e se conservarão ainda algumas pessoas he por não quererem ou não poderem ficarem totalmente nús. Pedimos providencias a respeito: seja esse homem capturado e levado a presença do Governo Imperial , a fim de prevenir os males que ainda não forão postos em prática pela auctoridade da palavra do Fr. S. Antonio dos Mares moderno. Dizem que elle não teme a nada, e que estará a frente de suas ovelhas. Que audácia! O povo fanático sustenta que n'elle não tocarão; Já tendo se dado casos de pegarem em armas para defendel-o. Para qualquer lugar que elle se encaminha segue-o o povo em tropel, e em número fabuloso: Acha-se agora em Rainha dos Anjos, da Província da Bahia, erigindo um Templo. (RABUDO, Estância, 22/11/1874)

Em 1874, sua presença também se fez notar nas terras da Bahia, na freguesia do Itapicuru, onde encontrava-se com um grupo de fiéis erguendo uma obra pia. Tempos depois, Cícero Dantas, o Barão de Jeremoabo, morador daquelas paragens, lembrava da estada do peregrino no local.

Estava no Rio de Janeiro no ano de 74, quando aportou neste termo Antônio Conselheiro. Ao regressar tive conhecimento desse indivíduo, cujos precedentes eram ignorados, com orações, terços e prédicas sugestionava o povo que acudiu pressuroso a ouvi-lo, abandonando suas casas e afazeres. Ora em um ponto, ora em outro, enfim em muitos, tinham lugar essas reuniões, e cada vez mais crescia o número dos ouvintes, Sem empanar o brilho da verdade estávamos em perenal missão. Com celeridade com que, em alguns casos, o efeito sucede a causa, não se fez esperar o resultado desses exercícios pseudo-religiosos. Em pleno dia, nas casas, nas ruas e nas estradas, faziam-se montes de xales, vestidos, saias, chapéus do Chile de feltro, sapatos de trança, e finalmente todos os objetos que continham lã e seda eram entregues à voracidade das chamas, por ser luxo contrário à doutrina pregada pelo inculcado missionário. Não havia quem com força bastante pudesse demover o povo desta faina devastadora, a que gostosamente se entregava na convicção de praticar um ato meritório. Os prejuízos foram inulcáveis, presentes e futuros, que Antônio Conselheiro traria para essa localidade... Desde 74 a 76 continuou ininterruptamente esse estado de coisas sempre em escala ascendente... Crescia mais e mais a influência de Antônio Conselheiro e, à exceção da minha, posso sem receio dizer, que não houve família que não assistisse às suas orações. O fervor chegou ao excesso de convidarem-no para as suas casas aqueles que, por alguma circunstância, não podiam comparecer nos pontos de reunião. (Martins, apud JORNAL DE NOTÍCIAS, 04/05/1897)

Como informou Honório Vilanova, Antônio tinha uma missão: a de erguer templos. Os primeiros jornais da Bahia, ainda no ano de 1874, que noticiarem sobre Antônio Conselheiro tratam dessa questão. O que se sabe é que na época de suas peregrinações, no período que vai de 1874 a 1893, Antônio Vicente ergueu inúmeras igrejas, reformou capelas, fundou cidades e construiu cruzeiro e cemitérios numa vasta área dos sertões da Bahia e Sergipe.

Segundo Ornellas (2001), este tinha o hábito de construir casas, e este hábito esteve sempre presente em sua vida, quando tentou reconstruir a imagem do pai para poder reconciliar-se com ela através das construções, as quais se iniciaram a partir de 1874.

De acordo com as fotografias feitas em 1877, pelo fotógrafo expedicionário J. Corrêa, pode-se visualizar alguns dos integrantes que engrossariam o caldo da comitiva conselheirista. A década de setenta do século dezenove é marcada por fortes catástrofes, culminando com a grande seca que se desenrolou por mais de três anos ceifando inúmeras vidas. Uma tragédia social e humana, de proporções catastróficas, iria se desenrolar no sertão nordestino, sobretudo, no Estado do Ceará, evidenciando que muitos brasileiros viviam em precárias condições de sobrevivência.

Como sempre acontece no sertão, os profetas da chuva foram os primeiros a ler o mau presságio nas sutilezas da própria natureza: formigas que em pleno mês de março não mudam formigueiros para longe das margens de rios e açudes, aranhas que insistem em tecer fios rentes ao solo, rolinhas que ao pôr os ovos trocam o galho mais alto das árvores por ninhos juntos ao chão. Para a sabedoria matuta, sinais inconfundíveis da desdita. No dia de São José, 19 de março, quando os sertanejos acordaram e olharam para o alto, não viram um único risco de nuvem manchando o azul. [...] E assim foi. Durante três anos seguidos, o sertão ardeu como uma caldeira do inferno. Entre 1877 e 1879, o Nordeste viveu uma das maiores e mais dramáticas secas de toda a história. [...] Como de costume, as doenças vinham a galope, na garupa da falta de água e de comida. Uma epidemia de varíola elevou o obituário do triênio, só na província do Ceará, à cifra assustadora de 180 mil almas. (NETO, 2009, p. 55).

No Ceará, nessa mesma época, um fotógrafo apontaria outros caminhos na busca dessa reconstituição. Residente em Fortaleza, o artista J. A. Corrêa não se acomodou aos limites do seu estúdio e saiu para registrar as vítimas da grande seca, principal causadora da migração nordestina. Deixou raros e preciosos documentos que ajudam a compreender a triste situação do povo sertanejo, criminosamente perpetuada até os nossos dias.

Não era só o sertão que agonizava. As notícias que chegavam de Fortaleza eram aterrorizadoras. A capital que possuía cerca de 30 mil moradores, recebera 200 mil retirantes, arranchados em praça pública, em condições insalubres. A varíola aproveitou para atacar sem piedade. Em um único dia, 10 de dezembro, de 1878 o cemitério da cidade recebeu, oficialmente, 1004 corpos. “O número de mortos devia ser muito maior porque em torno da cidade, pelos matos e velados, inumavam-se cadáveres ou se deixava apodrecer insepultos”, testemunhou na época o médico e historiador cearense barão de Studart. Na manhã seguinte, àquele que ficaria conhecido como o Dia dos Mil Mortos, Fortaleza amanheceu com uma nuvem negra pairando sobre a cidade. Não era nenhum sinal de chuva: eram centenas de urubus que davam rasantes no céu. Lá embaixo, cães disputavam entre si restos de carne humana. (NETO, 2009, p. 55).

As fotografias desse artista ainda chocam. Denunciam a miséria extrema do povo sertanejo. Na ocasião, o descaso do governo e do próprio imperador, que viajava pelos Estados Unidos e Europa era flagrante.

Numa época em que a fotografia, entre nós, buscava retratar o belo, o artista corajosamente apresenta terríveis imagens de misteriosos seres que não parecem criados à imagem e semelhança de Deus. Não satisfeito, escreveu poemas de protesto nas laterais das fotografias.

Apreciando a sua produção podemos imaginar uma parte do séquito que acompanhava o Conselheiro no início das suas andanças pelo interior das províncias de Sergipe e Bahia, antes de se estabelecer em Canudos, fundar o Império do Belo Monte, e provocar a ira da nascente República. (Imagen 09).

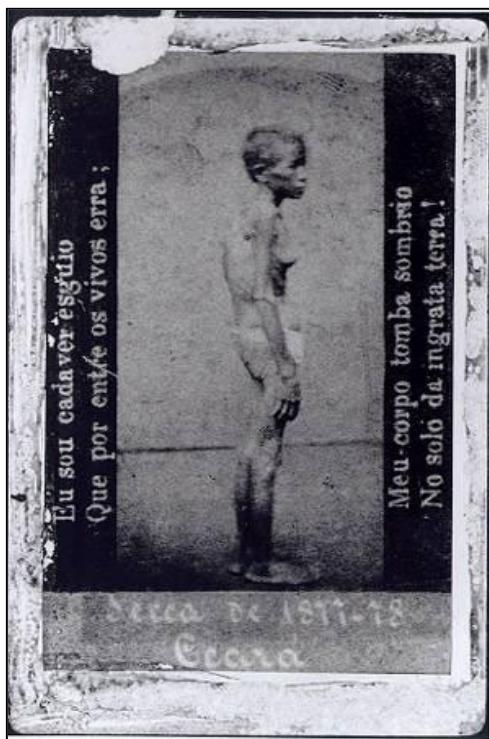


Imagen 09: Flagelados, J. A. Corrêa, 1877.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

Por seu repúdio à violência, amor à terra e ao trabalho, religiosidade e solidariedade aos mais fracos, Antônio, atraiu uma vasta população. Segundo Barros (2008), sendo um autodidata, limitado politicamente pelas fronteiras de seu mundo, este carregava perplexo a dor das injustiças de sua vida, o genocídio de um povo que, em suas esperanças, apenas tentava viver a palavra de Deus na terra: rezar, trabalhar e fazer o bem.

A partir do ano de 1874, até pelo menos a última década do século XIX, com a fundação do arraial do Belo Monte, a principal atividade do Conselheiro foi reformar e construir igrejas e cemitérios. Evidentemente, os que o seguiam não o fizeram atrás da remuneração pelas obras, mas dedicavam-se cada vez mais intensamente ao seu líder em função de sua pregação.

No que concerne às suas construções, seu universo circunscrevia-se a lugares longínquos do interior do nordeste, basicamente o sertão da Bahia, com algumas incursões a Sergipe. (Imagens 10 e 11).

Dentre as localidades nas quais Conselheiro edificou e reformou igrejas e cemitérios podemos destacar: Aporá, Biritinga, Canudos, Chorrochó, Cícero Dantas, Crisópolis, Entre Rios, Euclides da Cunha, Esplanada, Itapicuru, Nova Soure, Olindina e Ribeira do Amparo na Bahia. Poço Redondo, Cristinápolis e Tobias Barreto em Sergipe.

Galvão (2001, p.36) assevera que o historiador José Calasans levantou as informações sobre as principais construções do beato, e resolveu percorrer os caminhos fazendo o mesmo percurso que o Conselheiro fizera anteriormente, vistoriando suas edificações. Somando todas as suas obras identificadas, segundo a autora, o historiador chegou a um total bem próximo do número de 25 da tradição oral, a maioria na Bahia e algumas em Sergipe, sendo que ao fim e ao cabo, veio a ser o maior arquiteto do sertão baiano.

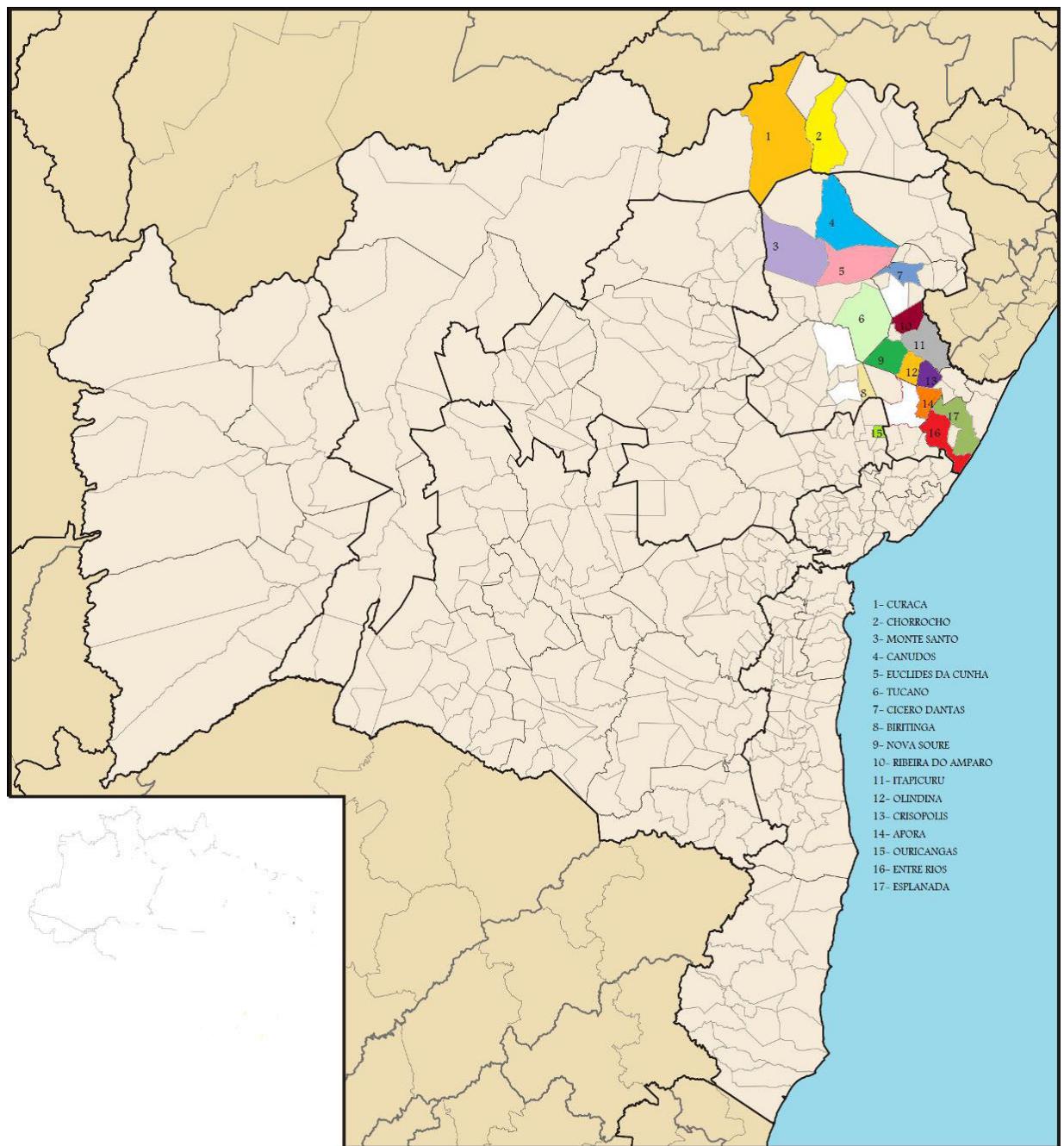


Imagen 10: Mapa da Bahia apresentando os principais municípios onde Conselheiro andou e erigiu obras.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

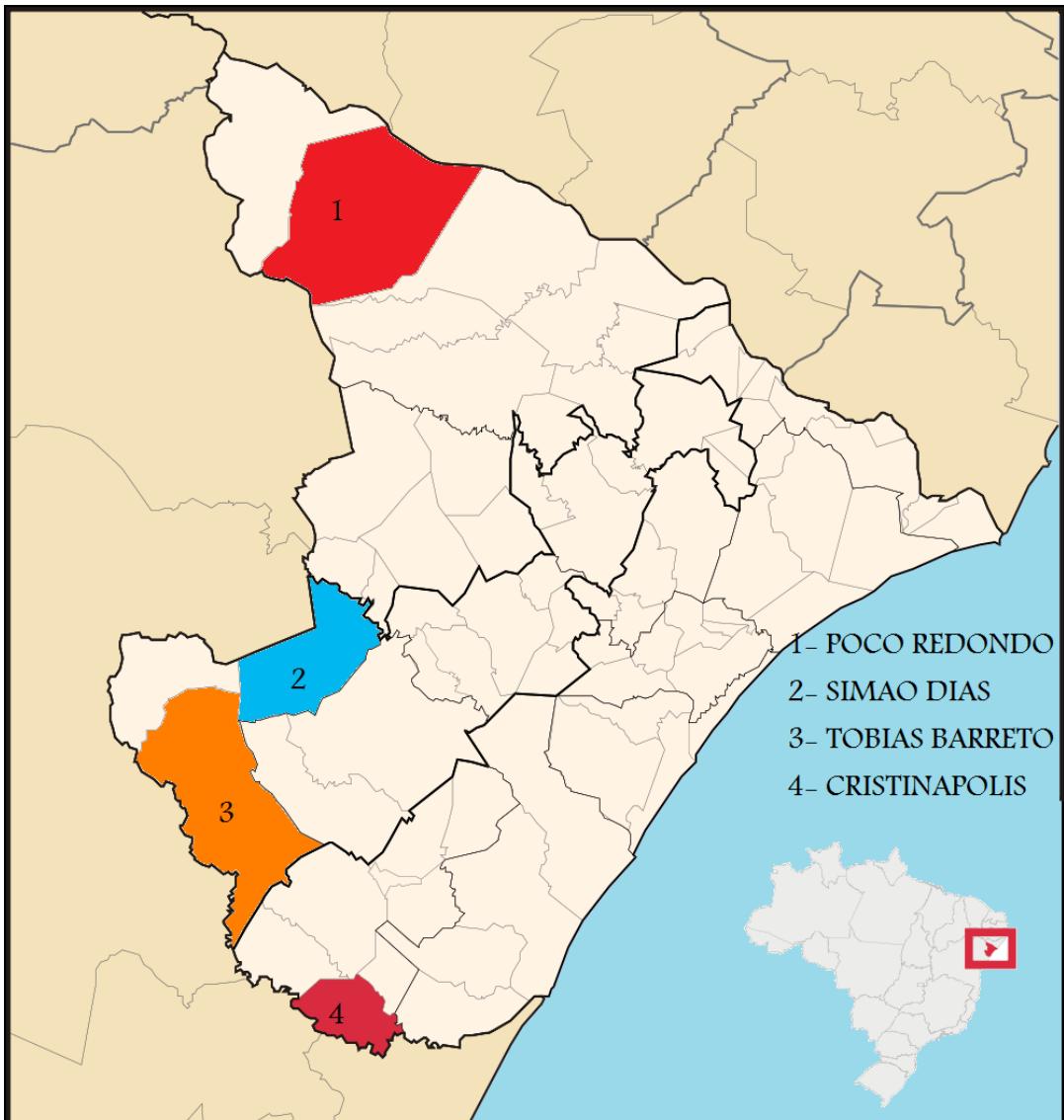


Imagen 11: Mapa de Sergipe apresentando os principais municípios onde Conselheiro erigiu obras.
Fonte: Jadd Pimentel, 2010.

De acordo com Hoornaert (1998, p.16), o beato Antônio Conselheiro andava com a edificação de igrejas em seu pensamento, sendo que nelas enxergava possibilidades muito mais amplas que a imensidão dos sertões que percorria. Embora tivesse o dom especial de reunir pessoas e construir açudes, muros de cemitérios, canais de irrigação e cacimbas, o que gostava mesmo era de construir igrejas.

Em algumas de suas prédicas manuscritas datadas de 1895, Conselheiro fala com entusiasmo sobre a construção e edificação do templo de Salomão. No seu texto é notório o

encantamento com o ofício do qual demonstrava o maior dos interesses (Imagen:12)

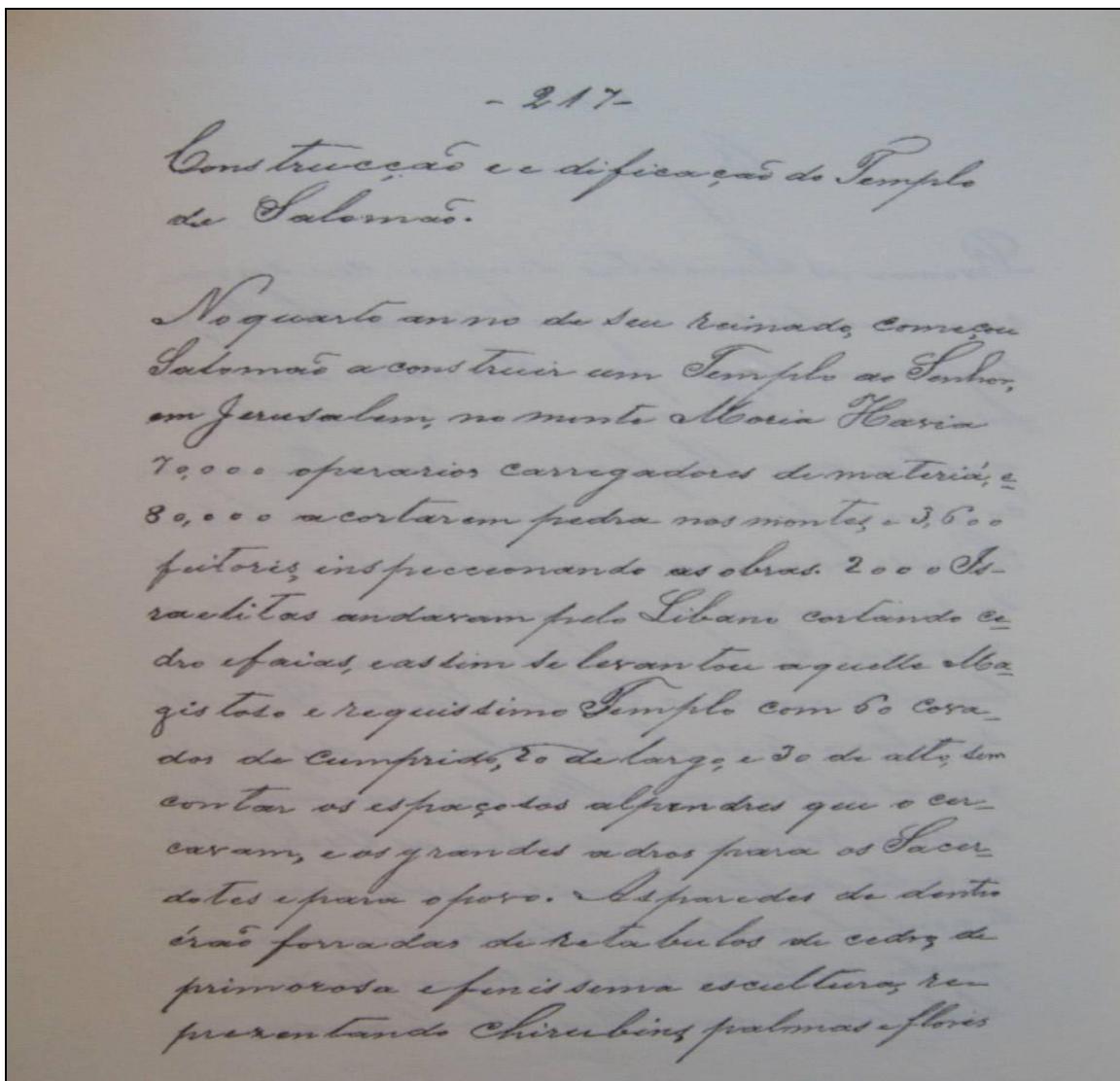


Foto 12: Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens, escritos pelo Peregrino Antônio Conselheiro, Belo Monte – BA, 1895.

Fotografia: Jadilson Pimentel dos Santos

Construção e edificação do Templo de Salomão

No quarto ano do seu reinado, começo Salomão a construir um Templo ao Senhor, em Jerusalém, no Monte Moria. Havia 70.000 operários carregadores de matérias e 80.000 a cortarem pedras nos montes e 3.600 feitores inspecionando as obras, e 2.000 israelitas andavam pelo Líbano, cortando cedros e faias. Assim se levantou aquele majestoso e requissimo Templo com 60 côvados de comprido, 20 de largo e 30 de alto, sem contar os espaçosos alpendres que o cercavam e os grandes adros para os sacerdotes e para o povo. As paredes de dentro eram forradas de retábulos de cedro, de primorosa e finíssima escultura, representando querubins, palmas e flores. (Maciel apud NOGUEIRA, 1974, P.169).

Como se pode notar, este era o sonho que alimentava e enchia de esperança a todos: trabalhar com muita gente, e com o beato, na construção das igrejas e das obras de caridade.

Nas suas andanças pelos rincões mais ermos dos sertões do nordeste, ficou concretizada a sua inclinação espiritual de peregrino. O beato andarilho, ao longo de mais de vinte anos, desenvolveu uma obra religiosa com teor político e social; acumulou adeptos e seguidores; foi admirado e respeitado pelas gentes mais humildes, foi protegido e cortejado, temido e combatido pelas autoridades religiosas e civis.

Conselheiro não era, entretanto, o seu sobrenome, e sim uma espécie de cargo de grau elevado, entre a hierarquia religiosa informal daquele tempo, que este acumulou. Havia os romeiros, os beatos, e, por último, os conselheiros, que por sua vez, se diferenciavam dos padres.

Os romeiros viviam peregrinando aos lugares santos, pagando promessas e visitando inúmeras igrejas. Aqueles que mais se dedicavam, tornavam-se beatos e tinham o direito de usar um manto de cor azul ou branco. Os beatos arrecadavam, através de esmolas, donativos para ajudar nas obras das igrejas, e buscavam um viver pautado nas virtudes. O Conselheiro, por exemplo, levava um tipo de vida inspirado nos santos. Os beatos que obtivessem muitos seguidores podiam dar conselhos, fazer pregações e portar um cajado, tornando-se, desta maneira, um conselheiro.

Adepto do catolicismo das origens, Antônio Conselheiro carregava em suas pregações fortes influências da Missão Abreviada, das Horas Marianas, do Lunário Perpétuo e da Bíblia Sagrada. Muitos dos exemplos aprendidos - de uma vida regrada, da mortificação do corpo e da abominação aos objetos de luxo, são extraídos desses livros sagrados.

A Bíblia sagrada que circulou no sertão do oitocentos era ricamente ilustrada com gravuras que serviram para instruir e evangelizar, e também como tema de sua gramática ornamental empregada na arquitetura religiosa, bem como nas obras de talha e demais vertentes artísticas.

A missão abreviada também trazia algumas ilustrações e oferecia em seu conteúdo um *tômus* revivalista: medievalista e barroquizante (Imagem: 13). Conselheiro nas suas pregações, dotado de uma oratória inflamada, deixa claro a predileção pelos temas dos martírios e sacrifícios, evidenciados na estética barroca.

Nesse ínterim, vai forjando uma estética onde a busca pelos aspectos dolorosos são uma constante (feísmo). Em seus sermões combatia a beleza, o luxo, ou qualquer tipo de vaidade.

É um dissidente do molde exato de Themison. Insurge-se contra a Igreja Romana, e vibra-lhe objurgatórias, estadeando o mesmo argumento que aquele: ela perdeu a sua glória e obedece a Satanás. Esboça uma moral que é a tradução justilinear da de Montano: a castidade exacerbada ao máximo horror pela mulher, contrastando com a licença absoluta para o amor livre, atingindo quase à extinção do casamento. O frígio pregava-a, talvez como o cearense, pelos ressaibos remanescentes das desditas conjugais. Ambos proíbem severamente que as moças se ataviem; bramam contra as vestes realçadoras; insistem do mesmo modo, especialmente sobre o luxo dos tocados; e — o que é singularíssimo — cominam, ambos, o mesmo castigo a este pecado: o demônio dos cabelos, punindo as vaidosas com dilaceradores pentes de espinho. A beleza era-lhes a face tentadora de Satã. O Conselheiro extremou-se mesmo no mostrar por ela invencível horror. Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem sátiros. (CUNHA, 2002, p. 161)



Imagen 13: Folha de rosto da Missão Abreviada, século XIX, Portugal.

Fonte: Arquivos da Biblioteca Nacional.

A figura carismática de Antônio Vicente sobressaía-se não apenas nos arredores de sua comunidade. Sua influência se fazia notar em toda Bahia e até mesmo em outros lugares do Nordeste. A posição de liderança diante de tão avultado número de seguidores concedeu-lhe uma autoridade sem precedentes, e com isso, possibilitou, também, uma ameaça real para os representantes do poder local.

Nos sermões de Antônio, percebe-se um líder religioso muito diferente do fanático místico retratado por Euclides da Cunha, um sertanejo de tendência messiânica, com posições políticas e religiosas vinculadas a um catolicismo devocional permeado de crendices, recorrente entre os pregadores do Nordeste do Brasil. Tal postura pode ser comprovada em suas prédicas. Nesses escritos, o peregrino mostrava-se um conhedor do cristianismo das origens.

"...Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão; então o certão virará praia e a praia virará certão.

" Em 1897 haverá muito pasto e pouco rastro e um só pastor e um só rebanho.

" Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças.

" Em 1899 ficarão as águas em sangue e o planeta hade aparecer no nascente com o raio do sol que o ramo se confrontará na terra e a terra em algum lugar se confrontará no céu...

" Hade chover uma grande chuva de estrellas e ahi será o fim do mundo. Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no Evangelho: eu tenho um rebanho que anda fóra deste aprisco e é preciso que se reunam porque há um só pastor e um só rebanho !"

Como os antigos, o predestinado atingia a terra pela vontade divina. Fora o próprio Cristo que pressagiara a sua vinda quando

"na hora nona, descançando no monte das Oliveiras um dos seus apóstolos perguntou: Senhor! para o fim desta edade que signaes vós deixaes ?

"Elle respondeu: muitos signaes na Lua, no Sol e nas Estrellas. Hade aparecer um Anjo mandado por meu pae terno, prégando sermões pelas portas, fazendo povoações nos desertos, fazendo egrejas e capellinhas e dando seus conselhos..." E no meio desse extravagante adoidado, rompendo dentre o messianismo religioso, o messianismo da raça levando-o à insurreição contra a forma republicana:

"Em verdade vos digo, quando as nações brigam com as nações, o Brazil com o Brazil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prussia com a Prussia, das ondas do mar D. Sebastião sahirá com todo o seu exercito.

"Desde o princípio do mundo que encantou com todo seu exercito e o restitui em guerra.

"E quando encantou-se afincou a espada na pedra, ella foi até os copos e elle disse: Adeus mundo!

"Até mil e tantos a dois mil não chegarás!

"Neste dia quando sahir com o seu exercito tira a todos no fio da espada deste papel da Republica. O fim desta guerra se acabará na Santa Casa de Roma e o sangue hade ir até á junta grossa..." (Maciel apud CUNHA,162. p.2002).

1.3 BOM JESUS CONSELHEIRO – O LÍDER ARTICULADOR DE CANUDOS

Com a fundação de Belo Monte, no ano de 1893, a fama do Antônio Conselheiro, crescente no discurso dos mais de vinte anos de peregrinação pelos povoados, vilarejos e cidades dos sertões, atraiu pessoas de várias comunidades baianas e de outros estados nordestinos. Tal evento passa a incomodar os grandes proprietários de terras, que se viam perdendo seus trabalhadores, a igreja e inúmeros latifundiários.

Se na fala de seus fiéis aparece como um homem vigoroso e cheio de virtudes, para os incomodados com a sua presença: clérigos, políticos e fazendeiro, a descrição que fazem dele é, deveras, depreciativa. Aparece quase sempre como um fanático pervertido, de tendência megalomaníaca. Às vezes, era caracterizado como um indivíduo de aparência esquisita, frágil e anormal.

Na década de 90 do século dezenove, os jornais passam a publicar a imagem do beato Conselheiro de forma caricatural. A criação desses instrumentos informativos baseava-se na fala descritiva, feita por relatos de alguns indivíduos pertencentes à Igreja, que estiveram no arraial do Belo Monte. Nessas ilustrações, o Antônio Conselheiro é representado em tom anedótico, afirmando o que já se dizia anteriormente, desde o ano de 1874 (Imagen: 14).



Imagen 14: Periódico *A Gazetinha*, 1897.

Fonte: Antônio Olavo.

Com a fama do profeta que consegue ganhar projeção de longo alcance, a partir da construção do Belo Monte, é importante frisar que os grandes jornais do país publicarão suas imagens, tendo quase sempre com pano de fundo, a construção de igrejas e capelas, ressaltando, com isso, o ofício-mor do beato que viria a ser o Bom Jesus Conselheiro (Imagen: 15).

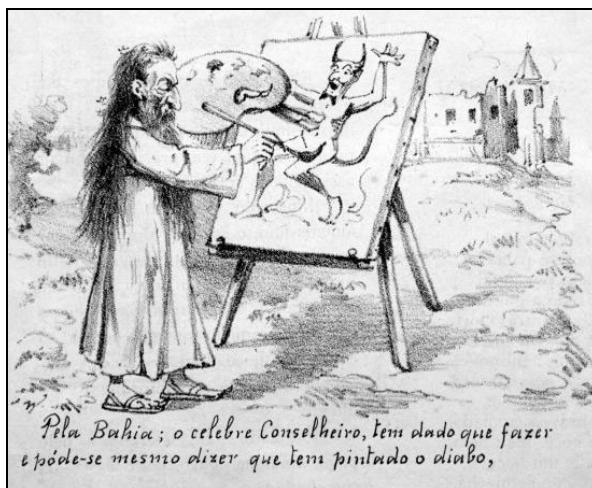


Imagen 15: Charge de Antônio Conselheiro pintando o diabo
Fonte: Revista Ilustrada, 1897.

A partir da proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, muitas transformações iriam ocorrer no Brasil, inclusive nos sertões do nordeste. Tais mudanças, como sempre, só favoreciam a poucos. As terras e a renda continuavam concentradas nas mãos das elites, e o poder político não foi democratizado. Nesse ínterim, novas medidas começam a entrar em vigor, como a separação entre o Estado e a Igreja, o casamento civil e a cobrança de impostos. Conselheiro não aceita o novo regime e passa a combatê-lo com firmeza, escrevendo nas suas prédicas tal insatisfação (Imagen: 16).



Imagen 16: Charge de Antônio Conselheiro combatendo a República
Fonte: Revista Ilustrada, 1897.

Depois de ter peregrinado décadas pelos sertões, o beato Antônio Conselheiro, viu seu sonho concretizado: edificou com sua comitiva a “terra da promissão”. Em suas profecias o anúncio do fim do mundo era uma constante. Anúncio que conclamava as massas famélicas para a partilha do sonho vivido sem males, em oposição ao ideal proclamado pela Igreja Católica, que anunciava o “paraíso” como um galardão para um futuro muito distante.

A criação do Belo Monte criou todo tipo de desassossego não só no sertão. As notícias que chegavam ao Rio de Janeiro eram as mais aterrorizantes. Contava-se, na Rua do Ouvidor, centro de intriga dos jornais e intelectuais da época, que Antônio Conselheiro recebia ajuda internacional e combatia com armas de ponta vindas da Europa.

Com a derrota das tropas no antepenúltimo assalto à cidadela, bem como a morte de Moreira César e Tamarindo, o governo tomado por um ideal nacionalista, mobilizou o Brasil inteiro, com a finalidade de lutar no sertão, objetivando, como fim último, o arrasamento da cidade do Conselheiro.

A guerra fratricida que se iniciou, em 1893, desde que Antônio aportou no Belo Monte, só terminou no final de 1897; quando todo arraial fora incendiado, dinamitado etc.

Antônio Conselheiro morrera antes mesmo do assalto final. No dia 22 de setembro de 1897, Conselheiro não resistiu, pois fora ferido. Em outras falas, o profeta foi vitimado por uma diarréia, comumente, chamada de “corredeira, ou, caminheira” pelos sertanejos. Possivelmente ocasionada pela gangrena de um ferimento na perna, o qual foi provocado por um estilhaço de granada que explodiu na Igreja do Bom Jesus, onde ele estava amotinado, quando da quarta expedição e último cerco à cidadela.

Também existem os que acreditam que ele não morreu em Canudos. Na mística do sertão ele foi levado, ou seja, ascendeu aos céus, em companhia de um séquito de anjos, de onde viria, um dia, ao lado de D. Sebastião e do Bom Jesus, livrar o Belo Monte da tirania do cativeiro. Estas são as últimas palavras escritas pouco antes de morrer:

É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolos, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim bastantemente! São estes os testemunhos que me fazem compreender quanto domina em vossos corações tão belo sentimento! Adeus povo adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai a - minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da Igreja. Praza aos

céus que tão ardente desejo seja correspondido com aquela conversão sincera que tanto deve cativar o vosso afeto. (NOGUEIRA, 1978, p. 175).

Quanto ao registro fotográfico do Antônio Vicente Mendes Maciel, o único que chegou até nós foi o da exumação de seu cadáver, que traz a anotação da presença de Flávio de Barros, num registro acentuadamente oficialesco. Feita quinze dias após sua morte, a fotografia assinala as peculiares características do beato. Tirada a foto, procedeu-se depois ao corte da cabeça do morto, com o intuito de ser enviada ao Dr. Nina Rodrigues, professor de medicina do Estado da Bahia (Imagen 17).



Imagen 17: Cadáver de Antônio Conselheiro, Flávio de Barros, 1897.
Fonte: Arquivo Histórico do Museu da República do Rio de Janeiro.

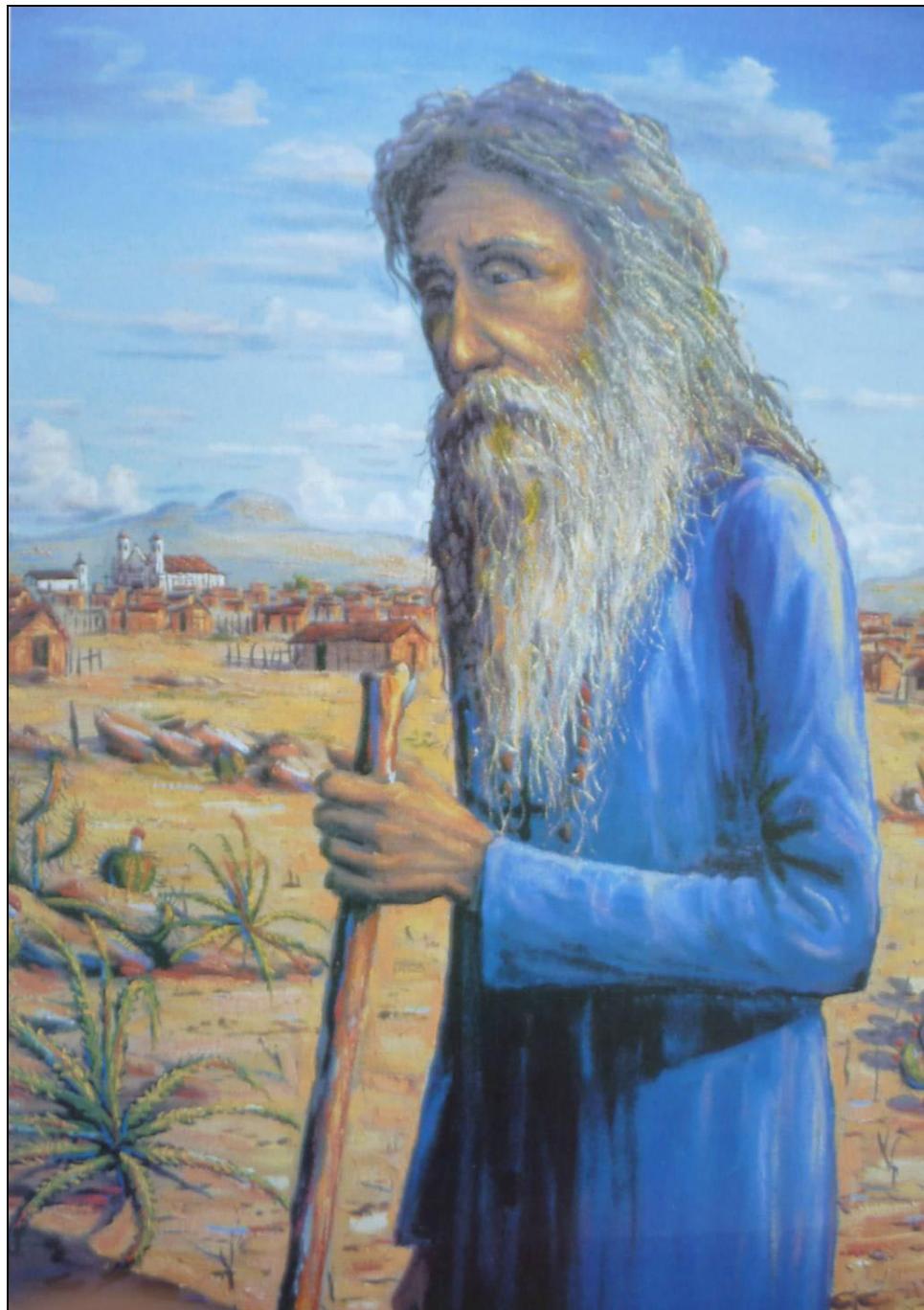
CAPÍTULO II – ANTÔNIO CONSELHEIRO FUNDADOR DO ARRAIAL DO BELO MONTE

Imagen 18: Conselheiro, o Bom Jesus. Óleo sobre tela – 1.20 x 0.90
Fonte: Otoniel Fernandes Neto, 1997.

2.1 O ARRAIAL DO BELO MONTE – CANUDOS

O sertão fica ali, fica aquém e além de todo e qualquer infortúnio, todo e qualquer presságio de agouro ou desmantelo. Quem não ama o sertão vive sempre na contramão, vive de poeira e miragem, de desencanto e desilusão. O sertão fica logo ali, mas perece que vive tão longe de mim. Parece que o sertão fica do outro lado do mundo, do outro lado do rio, ou melhor, do outro lado do mar. Mar que não chegou a ser o mar de Portugal, mar que nem sequer ousou ser o de Vasco da Gama. O sertão não tem mar, mas tem mar de poeira... Mar de murmúrios e lamentos. Portugal não tem o sertão, mas o sertão tem o mar de Portugal. Tem o infante Dom Sebastião que desapareceu em Alcacer Quibir e fundou um reino aqui. O sertão é ferro, fogo, pedra e nau... O sertão é uma ilha a se perder de vista, um paraíso onde o sol brilha mais, onde o sol resolveu ser rei, ser dono de tudo isso e de todos nós. Quem dera o tempo em que eu era marinheiro e navegava esses mares de luz e poeira... Hoje sou só miragem... Mas o sertão não. O sertão é alarido, é cantiga de ninar, é prece de benzedeira e rugido do mar. O sertão tem mistérios de boiadeiros encantados. Boiadeiros que rasgam lajedos e roçam a pelúcia gretada da terra... Terra prometida, Canaã de místicos e bandoleiros... Canaã que a gente inventou porque falta uma dentro de nós... Canaã seca, estorricada e degredada. Canaã que a gente sente falta e quer morrer de amar, porque nos sentimos bem quando a amamos, porque deliramos quando nela estamos, e não há Londres, Paris ou qualquer outro lugar que a substitua (SANTOS, 2009, p.10).

Durante muito tempo o sertão da Bahia não foi foco de interesse nos empreendimentos do colonizador. Nos primeiros séculos, ou até o surgimento dos primeiros indícios de ouro, havia apenas a implantação das lavouras de cana-de-açúcar que contornavam as terras do litoral, sobretudo do nordeste, onde se situavam as terras férteis. O tráfego entre a colônia e a metrópole era intenso. Os portos das cidades do Salvador e do Recife, por exemplo, viviam num fervilhar sem fim, atestando a maneira como tudo, nesse momento, dava as costas para o continente e era delineado pela Europa.

Por outro lado, era necessário alimentar todo o contingente envolvido no processo colonizador. Para tanto, era imprescindível a aquisição de terras boas para o plantio e que fossem próximas do litoral, pois não compensaria arcar com os altos custos do transporte até os portos.

Com o passar dos anos e a urgente necessidade de amplos pastos para a criação do gado, pouco a pouco, as terras mais longínquas do sertão, e menos produtivas, foram ocupadas para a criação de rebanhos destinados a alimentação das populações.

De acordo com Galvão (2001, p.14), o sertão, com o decorrer do tempo, foi adquirindo outras conotações que extrapolaram de seu recorte imediato, pois de região bravia e indômita, passou também, a significar um espaço desconhecido, não desbravado,

permeado de mistérios e enigmas, fora do alcance do braço da lei, incivilizado, e, certamente, como oposição ao termo cidade, este sim, implicando império da lei, da civilização e dos valores urbanos.

Foi a escravização dos índios, em primeiro momento, e depois a descoberta dos metais e pedras preciosas que impuseram a penetração no território que mais tarde daria origem a um país de extensão continental. Nesse processo de desbravamento do interior do Brasil dois tipos de excursão exploratória se configuraram: as entradas e as bandeiras.

Mesmo com a diminuição dos índios, o impulso dado pela riqueza dos metais preciosos ainda acabaria por explorar todo o território brasileiro. É dessa maneira que o povoamento e a ocupação do interior, também denominado sertão, viria a ser um empreendimento das bandeiras.

A partir do movimento das bandeiras sulcando os sertões em todos os rumos, fazendas de gado foram se estabelecendo pelo interior do país nos recônditos mais despovoados, com base nas doações de sesmarias, localizadas ao longo do rio São Francisco, seu principal ponto de referência.

A penetração pelo território no rumo norte foi tanta, que em pouco tempo já se praticava a pecuária no interior de alguns rincões do nordeste do Brasil. Apesar de serem numerosas na região do São Francisco as grandes fazendas que podiam rivalizar em tamanho com um país da Europa, sobressai dentre tantas, a de Garcia d'Ávila, a Casa da Torre. Agregando sesmarias adquiridas por requerimento, chegou a cobrir a cifra de 260 léguas de testada ao longo do rio, ou mais de mil quilômetros. Foi essas terras, pertencentes a essa casa, bem depois de ter sido desmembrada e ter entrado em decadência, que se veio a formar um arraial chamado Canudos.

As terras de Canudos que no passado foram recebidas em sesmarias para integrar a Casa da Torre, não eram desérticas, e ali, desde a primeira metade do século XIX, já existia um povoado com esse nome. Situava-se à margem do rio Vaza-Barris, e postava-se na intersecção de várias estradas.

Após a instauração de Belo Monte, sobrepondo-se à Canudos preexistente, ocorreram inúmeras mudanças no seu cenário. Em um período de quatro anos, a cidadela tornou-se um dos maiores núcleos populacionais do Estado. Segundo Macedo e Maestri

(2004), o termo adotado indica a valorização geográfica e simbólica da localidade, enquanto Canudos lembrava a decadência e o abandono.

Com a chegada do Conselheiro, em 1893, a Canudos, o arraial passou logo a ser conhecido com a nova designação de Belo Monte, o qual transformou-se rapidamente, numa das cidades mais populosas da Bahia. Construindo-se cerca de até doze casas por dia, a originalidade desse sítio urbano era a construção inteiramente diversa das outras comunidades dos confins do sertão.

Para os adeptos e simpatizantes do líder religioso, o arraial do belomontense transformou-se numa espécie de “terra prometida”, à margem da terra de todos os males, garantida pelo latifúndio e pela República.

De acordo com Macedo e Maestri (2006), em 1897, uma comissão de engenheiros militares ligados à expedição destruidora avaliou a existência de 5.200 casas, o que em média corresponderia a uma população de aproximadamente 26 mil habitantes (Imagen: 19).

A distribuição do povoado assemelhava-se às demais comunidades do sertão. Porém no arraial do Belo Monte o forte crescimento populacional determinou uma apropriação aparentemente caótica do espaço habitado. Em geral, as casas apresentavam quarenta metros quadrados de área, eram feitas de barro e madeira, com dois ou três compartimentos, cobertas com folhas de plantas locais. Possuíam uma porta, e pequenas aberturas laterais serviam de janelas (Imagen: 20).

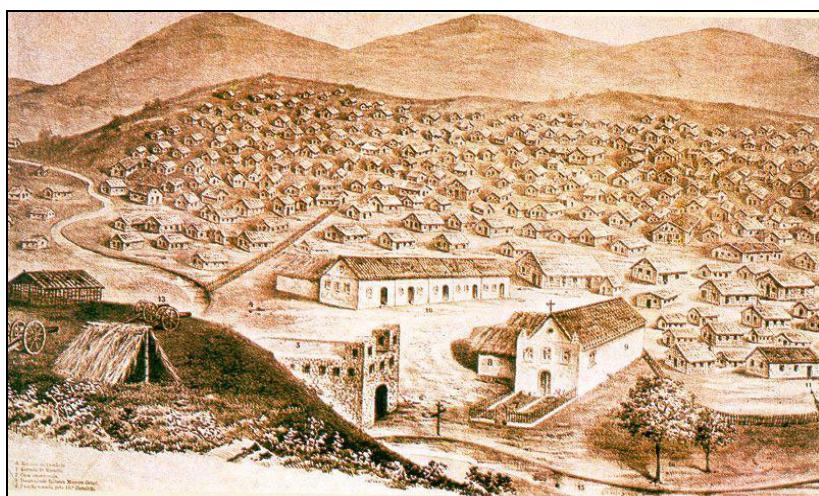


Imagen 19: Reprodução do desenho do Arraial de Canudos feito por Euclides da Cunha.
Fonte: Caderneta de campo de Euclides da Cunha, 1897.

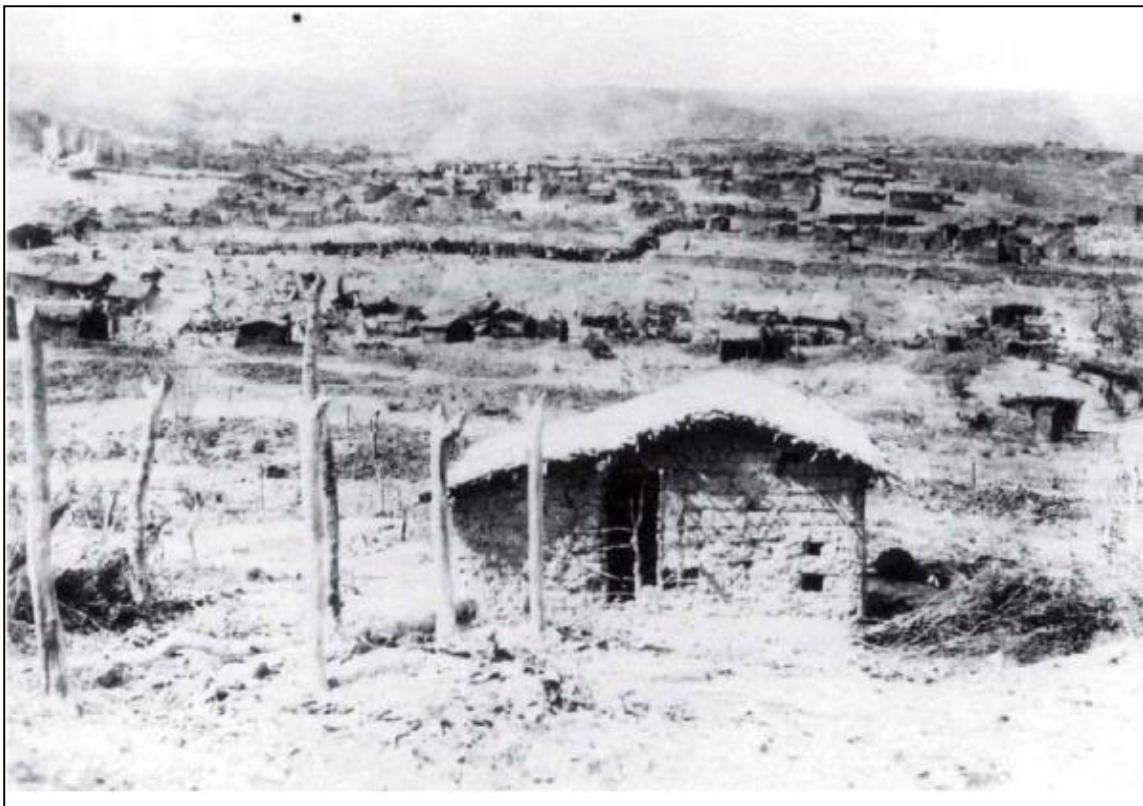


Imagen 20: Incêndio em Canudos.

Fotografia de Flávio de Barros, 1897.

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da República do Rio de Janeiro.

Moniz (2001, p.45) relata que:

As casas construídas sem nenhuma uniformidade – umas de frente, outras de fundo, outras de lado – não obedeciam a qualquer alinhamento. Pareciam jogadas ao acaso, tumultuariamente, nas colinas cobertas de pedregulhos. Poder-se-ia comparar as casas de Canudos, sem homogeneidade, construindo uma aglomeração estranha e singular, às casas de Magritte. Mas o famoso pintor surrealista construiu na tela sua cidade de casas amontoadas intencionalmente. As de Canudos foram erguidas num terreno ondulante contornado pelo rio, espontaneamente, sem ordem, sem simetria, sem planejamento.

No centro do arraial localizavam-se as edificações mais importantes: a Igreja Velha, a Igreja Nova, as casas comerciais e as moradias dos personagens mais importantes do

lugar, que eram habitações maiores, melhor aparelhadas e distintas das demais por serem cobertas de telhas, superiores nas dimensões às habitações comuns (Imagem: 21).

Segundo Galvão (2001), a rua principal de um lado só, na praça das igrejas ficou conhecida como a rua das Casas Vermelhas, assim chamada devido à cor das telhas, por isso destacando-se visualmente do conjunto.

Já com relação ao mobiliário dessas casas, este era rústico e se reduzia a poucas peças. Pedaços de lenha serviam de móveis improvisados. Suportes de madeira substituíam camas ou mesas. Havia ainda mesas de dormir, banquetinhas, cestos de palha trançada, recipientes de couro ou cabaça para guardar água e comia-se em recipientes fabricados em barro, madeira ou lata.

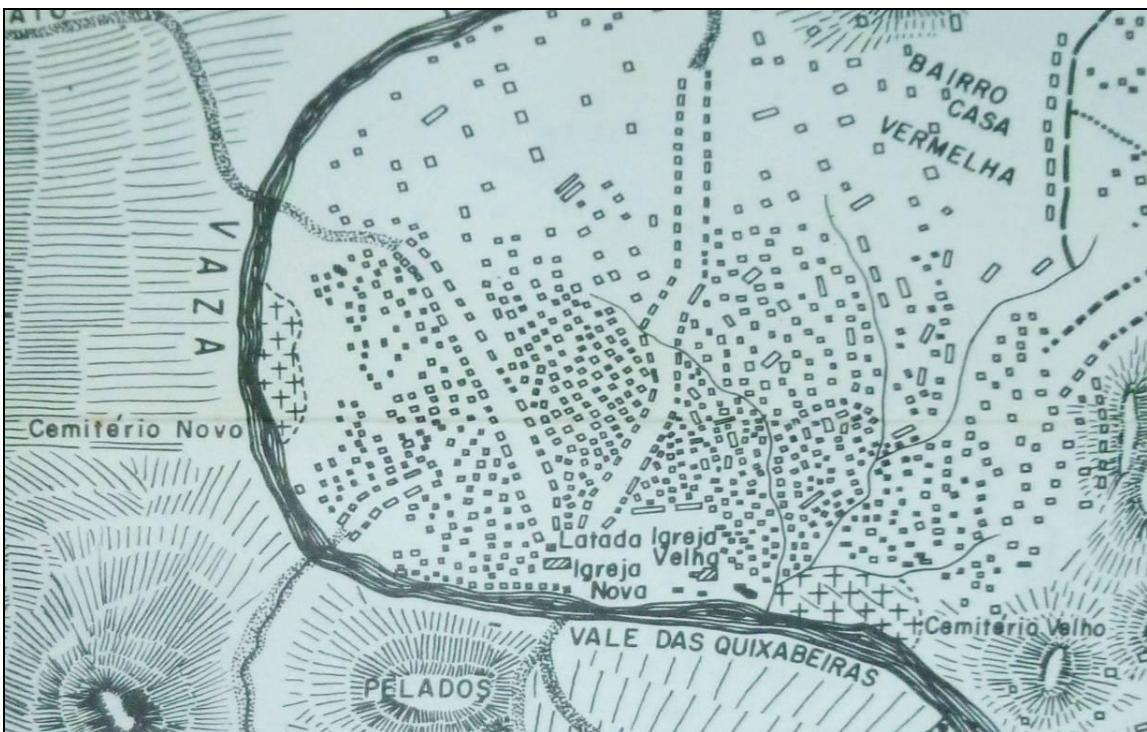


Imagem 21: Planta do arraial de Canudos.

Autoria: Coronel Siqueira de Menezes, 1897.

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da República do Rio de Janeiro.

Ainda de acordo com Galvão (2001, p.43):

As duas igrejas defrontavam-se de dois lados da praça. A primeira era a de Santo Antônio ou Igreja Velha, cujo orago era epônimo do Conselheiro, mais antiga, benzida e inaugurada provavelmente em junho de 1893 coincidindo com o dia do santo.

A segunda, a do Bom Jesus ou Igreja Nova, muito mais ambiciosa e de maiores proporções, que a conflagração impediria de chegar a termo. Mais tarde, diriam que o Conselheiro dera muros fortificados à Igreja Nova de propósito, já prevendo sua utilização como baluarte durante o futuro assédio.

Nesse agrupamento urbano, o material com que era construído fazia com que a povoação quase se confundisse e se mimetizasse com o meio de onde se levantava. A distribuição não simétrica das casas, e a comunicação feita através dos pátios e caminhos irregulares, chocavam-se com o urbanismo racionalista das cidades oitocentistas, que procuravam seguir o modelo urbanístico europeu iluminista. (Imagens: 22 e 23).

A configuração espacial de Belo Monte certamente ocasionava um estranhamento nos viajantes acostumados com as aglomerações citadinas mais planejadas.

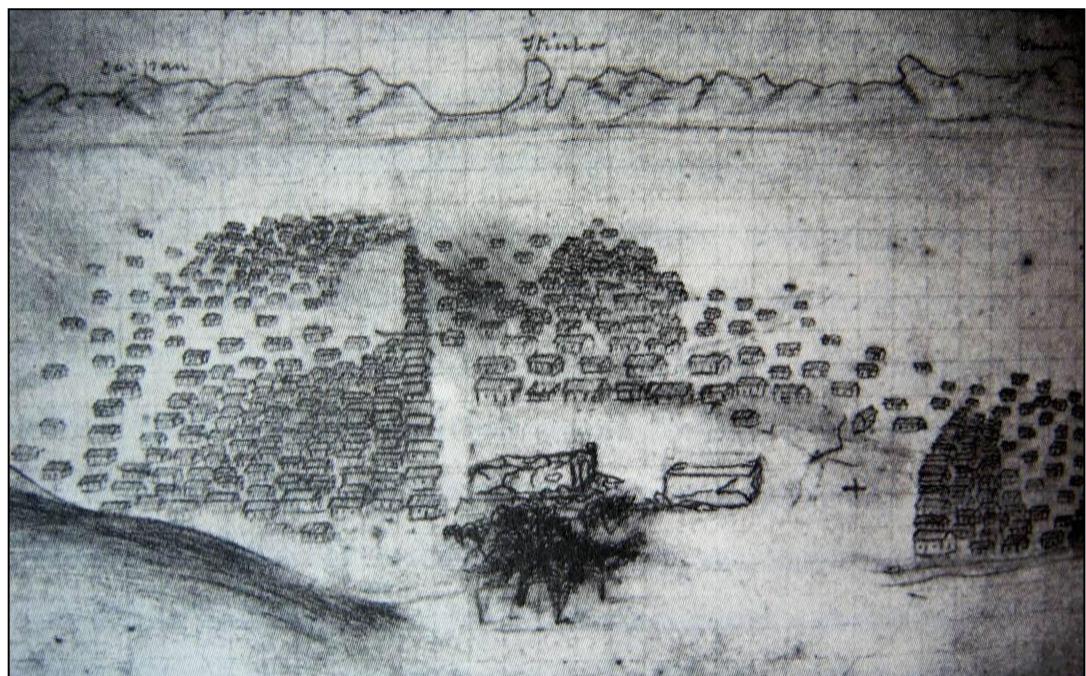


Imagen 22: Croqui esboçado por Euclides da Cunha, à vista de Canudos, 1897.

Fonte: Caderneta de campo de Euclides da Cunha.

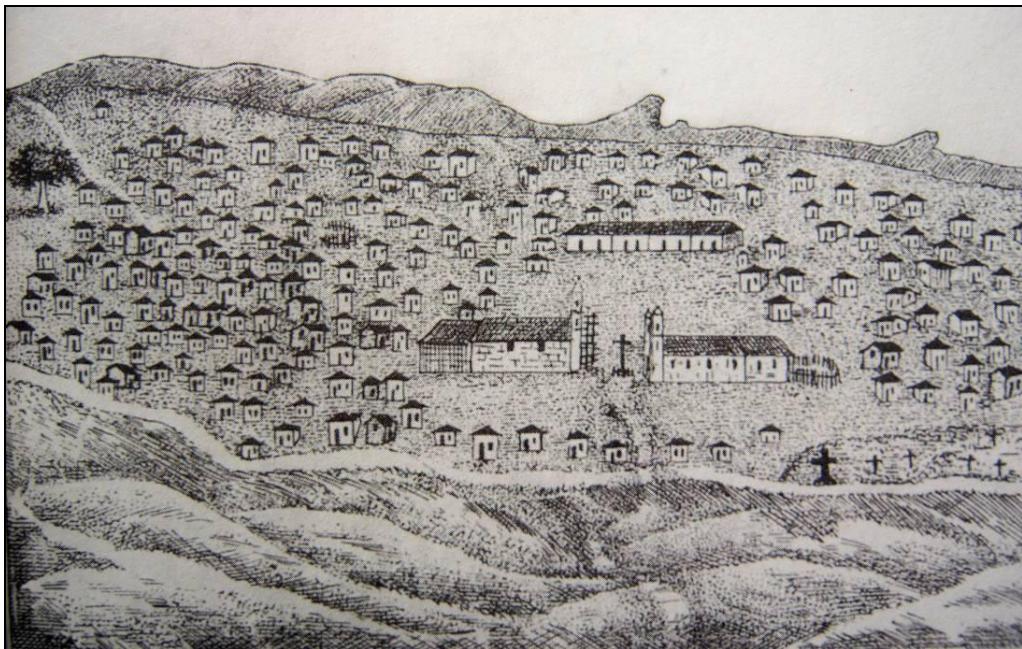


Imagen 23: Vista de Canudos feita pelo acadêmico Martins Hórcades, 1897.

Fonte: Descrição de uma viagem a Canudos.

Como um oásis encravado no deserto, Belo Monte ficou conhecida como a “Cidade Santa” sertaneja, a “Jerusalém” dos mestiços, negros, índios e muitos camponeses espoliados pelo sistema. As virtudes de Canudos chamavam um número relativamente grande de pessoas de todo o sertão nordestino. Dizia-se em toda a região que no Belo Monte o “céu desceu” e que existiam “rios de leite e barrancas de cuscuz”. O arraial crescia num ritmo frenético. Continuamente chegavam grupos de pessoas de todas as partes. A Igreja Velha, cujo orago era Santo Antônio, logo se tornou pequena para a multidão, que à noite, se reunia pra cantar as ladainhas e ouvir as pregações de Conselheiro.

Na última década do oitocentos, foi iniciada a construção da Igreja Nova ou do Bom Jesus. As doações para as obras vinham de vários pontos do Estado, arrecadadas em missões executadas por homens da confiança do Conselheiro, como José Beatinho, Pedrão, José Venâncio e Manoel Ciriaco. A praça das igrejas era o centro espiritual e político da comunidade e era circundada por inúmeros becos estreitos e entrelaçados, compostos de casas de taipa, que eram construídas de forma desordenada e em grandes mutirões.

Depois de a comunidade ter se estabelecido em Belo Monte, a partir de 1893, o Conselheiro e seu séquito sofreram inúmeras perseguições. Muitas foram as expedições

enviadas pelo governo para exterminar Canudos. Vencendo mais de três incursões militares, o arraial só viria, de fato, ao extermínio total, na quarta investida, sem, no entanto, se render.

Uma das justificativas para o início dessas expedições foi irrelevante. Antônio Conselheiro precisava de madeira para a Igreja do Bom Jesus em construção e a encomendou em Juazeiro. O pagamento foi antecipado, mas, no prazo estabelecido, a madeira não foi entregue. Espalhou-se o boato de que a cidade seria invadida pelos conselheiristas. O juiz local, Arlindo Leone, tinha antigas divergências com o beato e resolveu estimular o pânico na cidade. Grande parte dos moradores resolveu atravessar o Rio São Francisco, refugiando-se em Petrolina. Criado o clima propício, o juiz solicitou tropas policiais e foi atendido pelo governador Luís Viana.

A guerra total de Canudos durou cerca de um ano. Muitos dos jornais do país enviaram correspondentes ao cenário da luta e as notícias não conseguiam explicar tanta dificuldade e demora de um Exército bem equipado em destruir um reduto sertanejo. As perdas militares eram extraordinárias, e a impaciência e o cansaço tomavam conta de todos.

Revelando mais uma surpreendente tática de guerrilha, os conselheiristas utilizam fossas subterrâneas que interligavam as casas, permitindo ampla mobilidade de ação e com isso provocando muitas baixas nas tropas. Depois de várias horas de fogo cerrado, os soldados conquistaram os escombros da Igreja Nova, a mais importante trincheira de defesa do arraial. Este feito foi comemorado de forma entusiasmada, com o hasteamento da bandeira e a execução do Hino Nacional. Mas, inesperadamente um tropel de balas aporta sobre a praça; vinha das ruínas, da fumaça, de tudo o que já fora destruído. Era como se viesse do nada, mas vinha, e causava muitos estragos. Em resposta, o exército lança cerca de noventa bombas de dinamite e muitas latas de querosene. Depois de três meses de intenso bombardeio, o fogo tomava conta do arraial.



Imagen 24: Cadáver nas ruínas de Belo Monte, Flávio de Barros, 1897.

Fonte: Arquivo Histórico do Museu da República do Rio de Janeiro.

O que sobrou do arraial foi um amontoado de escombros e corpos carbonizados impregnando os ares do sertão de um cheiro indescritivelmente podre. Os urubus formavam nuvens negras, naquelas paragens, e nem assim davam conta de devorar os milhares de corpos que secavam ao sol.

Um exemplo único desse tipo de registro é o da imagem anterior, (Imagen 24), onde o autor flagra no meio dos escombros um corpo em decomposição, atestando, dessa maneira, o genocídio que a nascente República provocara.

Sobre esses dias finais de tortura e mortandade, o jornalista Fávila Nunes, correspondente especial da Gazeta de Notícias, enviada para Canudos comenta:

Pretendo seguir hoje para Monte Santo, porque a permanência aqui é insuportável em vista da situação de Canudos, transformado em um vastíssimo cemitério, com milhares de cadáveres sepultados, outros milhares apenas mal cobertos de terra [...]. Não se pode dar um passo sem tropeçar em uma perna, um braço, um crânio, um corpo inteiro, outro mutilado [...]. Já não se ouvem as lamentações das mulheres e das crianças, nem a ameaça canalha dos bandidos. A morte pela fome, pela sede, pela bala e pelo incêndio, emudeceu a todos, substituindo as lamúrias do banditismo, pelos alegres sons dos hinos de vitória! Canudos não existe mais! Para a nossa felicidade, basta a sua eterna memória que mais parece um pesadelo. (Nunes, apud GALVÃO, 1994, p. 207).

2.2 IGREJAS DO BELO MONTE

Em Belo Monte existiam duas igrejas erguidas pelo Conselheiro e seu povo. Localizadas no centro do arraial, esses templos marcavam o espaço da cidade mais sagrado. Ao cair da tarde, todos se dirigiam a esses santuários para professar seus credos, e dirigir suas preces aos céus.

As duas igrejas, nesse cenário, estavam situadas uma de frente para a outra. Tal resultado, segundo Toledo (1999), chegava a ser emocionante devido à disposição geométrica em que as duas igrejas se encontravam, pela amplidão da praça entre elas, longa, de 100 metros, contados entre uma fachada e outra, e pelo teor sagrado que um dia revestiu o local (Imagens 25 e 26).

Foi nas igrejas que se concentrou a resistência conselheirista nos últimos dias de combate, quando, enfim, despencou o campanário da Igreja Velha. Extinto o último foco de resistência do arraial, as igrejas apresentavam-se furadas de balas, de tiros de canhão e com raras paredes em pé.

Convém afirmar, que esses exemplares arquitetônicos, devido ao tipo de material empregado em suas estruturas, geralmente pedra e cal, constituíram-se em verdadeiros baluartes do povo conselheirista. Delas, existem apenas alguns fragmentos em ruína, os quais se encontram submersos no açude Cocorobó; concluído no final dos anos 60 do século XX, e, que por sinal, inundou uma área extensa, cobrindo toda Canudos.

Acerca dessas duas grandes edificações do Belo Monte, o acadêmico de medicina que lá estivera, no ano de 1897, quando do último assalto à cidadela sertaneja, asseverou:

No centro de todas estas casas, dispostas quase em círculo, estavam as igrejas *nova* e *velha*, sendo a primeira de muito gosto artístico e ambas de grande solidez. Todo o trabalho da última foi feito por próprios habitantes de lá, até mesmo o altar e supponho que também os santos. A igreja *nova* podia servir, como serviu, para uma esplendida fortaleza, tal a sua solidez, tal a espessura de suas paredes, inteiramente feitas de pedra e cal. A *velha* não tinha torres, acontecendo o contrário com a *nova*, que era dotada de duas assaz grandes e laterais e donde os perfídos irmãos ceifavam tantos defensores da Lei; achava-se cercada de andaimes pois a sua construção ainda estava em meio... (HÓRCADES, 1996, p. 180-181)